



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

NOILTON MONTEIRO DE SOUSA

A INDISCIPLINA NA E.E.E.F.M PROF. ANÉSIO LEÃO: COMO FATOR
DETERMINANTE DO FRACASSO ESCOLAR

CAMPINA GRANDE – PB

2015

NOILTON MONTEIRO DE SOUSA

**A INDISCIPLINA NA E.E.E.F.M PROF. ANÉSIO LEÃO: COMO FATOR
DETERMINANTE DO FRACASSO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretária de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

ORIENTADORA: Prof. Rochane Villarim de Almeida

CAMPINA GRANDE – PB

2015

S Sousa, Noilton Monteiro de.

A indisciplina na E.E.E.E.F. Prof. Anésio Leão [manuscrito] :
como fator determinante do fracasso escolar / Noilton Monteiro de
Sousa. - 2015.

70 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências e Tecnologia, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Rochane Villarim de Almeida, Pró-
Reitora de Ensino Médio Técnico e Educação a Distância".

1. Escola pública. 2. Indisciplina. 3. Evasão escolar. I.
Título.

21. ed. CDD 371.58

NOILTON MONTEIRO DE SOUSA

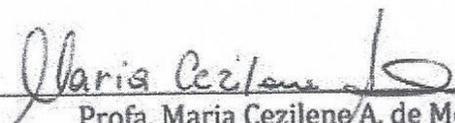
**A INDISCIPLINA NA E.E.E.F.M PROF. ANÉSIO
LEÃO: COMO FATOR DETERMINANTE DO
FRACASSO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretária de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovado em 28 / 02 / 2015 .


Prof^a Ms Rochane Villarim de Almeida /UEPB
Orientadora


Prof. Hipólito de Sousa Lucena
Examinador


Profa. Maria Cezilene A. de Moraes
Examinadora

DEDICATÓRIA

As minhas filhas M^a Isabel e M^a Isadora, a minha mãe, meu pai
(in memoria) e minha esposa.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço á DEUS, meu pai maior, que me concedeu à vida e a possibilidade de fazer coisa importantes pelo meu próximo e pelo planeta TERRA.

Agradeço por ser uma pessoa que insiste para alcançar os objetivos, mesmo que muitas vezes esses caminhos sejam tortuosos e difíceis, mas compensadores.

Agradeço aos meus colegas de turma que me ajudaram nas horas difíceis, me dando coragem e auxílio sempre que necessário, dando assistência nesta jornada.

Agradeço a minha esposa, as minha filhas, que estiveram sempre ao meu lado e souberam entender a minha ausência, e isto foi de grande importância para a minha tranquilidade e desenvolta durante o curso.

*“Constatar a realidade nos torna capazes de intervir nela,
tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de
novos saberes do que simplesmente a de nos adaptarmos
à ela.”*

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo monográfico teve por objetivo fazer uma análise do processo que vem causando a indisciplina na escola pública, e que tem influenciado de forma direta na retenção e ou evasão escolar. As escolas que antes lidavam apenas com conflitos pedagógicos e administrativos, nos dias atuais se deparam com conflitos interpessoais geradores de indisciplina. Como afirma Aquino (1998.p23) na busca de solução os profissionais de educação devem estar atentos a todos os aspectos que geram atos de indisciplina. Vasconcelos (2000, p.229) enfatiza que antes de mais nada é preciso compreender que houve profundas mudanças na Escola, na Sociedade e nas suas relações. Parece difícil aos educadores da Escola dar-se conta disso.

PALAVRAS-CHAVE: Escola pública. Indisciplina.

A B S T R A C T

This monographic study aimed to make a analyzes of the process that is causing the lack of discipline in public schools, and that has influenced directly on retention and or truancy. Schools that before dealt only with teaching and administrative conflicts nowadays are faced with interpersonal conflicts generators indiscipline . As stated Aquino (1998.p23) in the search for solution education professionals should be aware of all aspects that generate acts of indiscipline .Vasconcelos (2000 , p.229) emphasizes that first of all you must understand that there have been profound changes in school , in society and in their relations . It seems hard to educators of the School to realize that.

KEYWORDS : Public school . Indiscipline .

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2.DISCIPLINA X INDISCIPLINA.....	12
2.1. Escola (O que melhorar)?.....	12
2.2. O que é Disciplina?.....	15
2.3. Indisciplina	16.
2.3.1. Indisciplina na sala de aula	19
2.3.2. Indisciplina X Família.....	24
2.3.3. Motivos que levam a posturas indisciplinadas.....	27
2.3.4.Como enfrentar os problemas de indisciplina	30
3. A IMPORTÂNCIA DO LIMITE.....	35
3.1. Educação através de punição - autoritarismo e transgressão	35
3.2. Educação da prevenção-formação de valores, leis, regras sociais - falta de comoção.....	36
3.3. A mídia que banaliza: a violência, morte, estupro, latrocínio, etc.....	43
3.4. O posicionamento da Família diante da Escola na construção do limite	45
4.DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR E EXTRAESCOLAR.....	48
4.1. Identificação e histórico escolar.....	48
4.2. Infraestrutura.....	48
4.2.1. Dependência da escola	48
4.2.2 Equipamentos e materiais pedagógicos	49
4. 3. Recursos Humanos.....	49

4.3.1. Corpo Docente	49
4.3.2. Pessoal técnico-pedagógico	50
4. 4. Pessoal técnico-administrativo	50
4. 5. Aspectos estruturais e de funcionamento.....	50
4. 5. 1. Caracterização da população escolar	50
4. 6. Aspectos doutrinários e filosóficos	
4. 6. 1. Filosofia da escola	51
4. 6. 2. Objetivos educacionais	51
4. 7. Planejamento de ensino e avaliação	51
4. 7. 1. Relação escola e comunidade	52
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS	
5.1 Aspectos metodológicos	54
5.2. Análise dos dados	
5.2.1 Apresentação dos resultados e análise dos dados coletados e observados..	55
5. 3. A metodologia das aulas	55
5. 4. As Relações Interpessoais	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXOS	66

1-INTRODUÇÃO

A indisciplina tem sido uma das relações mais recorrentes nos últimos tempos, motivo de discussões e pesquisas, com a preocupação de analisar o seu real significado e estabelecer novas reflexões na tentativa de às vezes minimizar os problemas de comportamento escolar.

Na procura de explicações para a indisciplina e o fracasso escolar, professores da rede pública e particular de todo o Brasil esquivam-se da responsabilidade, pondo a culpa na Família, na televisão e até mesmo a índole e o caráter das crianças.

Verifica-se diante dessa problemática que a Escola ainda não sabe definir com clareza o que seriam os denominados atos de indisciplina e como lidar com eles. Além disso, há a falta de definição das normas de convivência escolar; assim como em qualquer ambiente social, esta ausência de parâmetros produz conflitos que poderiam ser evitados se essas ditas regras fossem conhecidas e cumpridas pelo corpo discente, orientado pelo corpo docente.

Neste sentido, busca-se trazer à tona as ideias dos diferentes sentidos que a indisciplina poderia estar dependendo de cada sujeito e do contexto em que estes estão inseridos.

Sob a luz do referencial teórico apresentamos que a indisciplina seria vista como uma atitude de ausência de respeito, de intolerância e do não cumprimento de regras, capazes de orientar a convivência de um grupo. Regras que seriam elaboradas em conjunto com os alunos e obedecidas no cotidiano, buscando uma produção escolar de melhor qualidade.

Dessa forma, a identificação e compreensão das principais causas da indisciplina na Escola exigem o determinante envolvimento de toda a comunidade educativa: professores, estudantes, funcionários e pais.

Analisar o processo que causa a indisciplina na escola pública na visão dos professores e como temos ligado com a indisciplina em sala de aula, é o propósito desse estudo. Constitui objetivo também, identificar como se dá o processo do limite à transgressão.

Diante disso, o presente trabalho, objetivou uma análise acerca dos resultados obtidos nos questionamentos feitos aos professores da Escola E.E.F.M. Professor Anésio Leão, que fica localizada na cidade de Campina Grande-PB, relacionados aos focos de indisciplina nas séries iniciais do Ensino Fundamental II.

Para o início do capítulo 1, faz-se necessário conhecer e caracterizar através de breves análises a respeito da Disciplina x Indisciplina, fazendo reflexão diante desta problemática.

No capítulo 2, foi fundamental para uma compreensão em torno dos limites, a banalização da mídia diante da problemática ocorrida na sociedade e como se posiciona os pais.

Continuando no capítulo 3, conhecer e diagnosticar através de breves análises a realidade escolar a qual seria o campo de investigação. Neste sentido, o diagnóstico e análise da realidade escolar e extra-escolar caracterizaram-se dos aspectos históricos da instituição, passada pelos aspectos estruturais e de funcionamentos entre a comunidade escolar.

Na apresentação dos aspectos metodológicos, evidenciam-se os caminhos procedimentais, tais como: universo, envolvidos, instrumentos utilizados, características da análise, propostas na citada pesquisa, entendendo esta etapa, como eixo norteador em sua efetivação.

Na seqüência do capítulo 4, a apresentação e análise dos dados, sintetizam as informações que a partir dos instrumentos utilizados, foram colhidos, objetivando a uma melhor compreensão do problema investigado. Assim, a realização do trabalho/estudo que compõe este Relatório Final tornou-se a nosso ver, relevante no sentido de se perceber a viabilidade, do estudo de aspectos importantes da prática pedagógica desenvolvida no interior das instituições escolares e que vem contribuir para aprimorar e melhor favorecer o ensino e aprendizagem por elas propiciada.

Ademais se torna evidente que através de estudos desse tipo, encontramos enquanto professores, em uma prática pautada por inquietações, reflexões e questões que nos encaminham a uma constante avaliação do nosso fazer pedagógico. Caracteriza-se, talvez, na tão difundida ação – reflexão – ação.

2. DISCIPLINA X INDISCIPLINA

2.1. Escola (O que melhorar)?

Ao longo da história, a Escola firmou-se como instituição especializada em ensinar, direcionando o desenvolvimento da aprendizagem no espaço escolar. Com o passar do tempo, as mudanças socioeconômicas e culturais, afetaram a estrutura familiar obtendo reflexo direto na Escola.

Sem estar preparada para esta nova realidade, a qual gerou conflitos devido à modificação de comportamentos; a Escola deparou-se com diversos problemas dentro da própria instituição. Os conflitos que antes eram pedagógicos e administrativos, agora são de relações interpessoais. Um dos resultados desses conflitos interpessoais é o comportamento indisciplinado que se tornou freqüente nas instituições de ensino. Essa freqüência tem dificultado o trabalho pedagógico, uma vez que os profissionais da Educação não estão preparados para lidar com a situação. Por isso a necessidade de refletir a indisciplina escolar, como enfatizou Aquino (1998, p.23), pois “na busca de soluções, os profissionais da Educação devem estar atentos a todos os aspectos, ou seja, a todos os fatores que geram atos indisciplinados na Escola.”

Durante muito tempo procura-se compreender as causas da indisciplina escolar; o comportamento desviante provoca inúmeros problemas no interior do referido estabelecimento e parece ser resultado de vários fatores. Dentre estes, aponta-se a necessidade de posicionamento dos alunos frente ao regime de homogeneização que a instituição escolar ainda insiste em desenvolver, mesmo diante de uma população que hoje é assumidamente heterogênea. Cabe então analisar cada ato, na tentativa de compreendê-lo como simples transgressão e falta de limites, ou como forma de resistência.

Neste sentido, verifica-se a problemática da Escola uma vez que os professores e dirigentes ainda, não diferenciam atos de indisciplina e ainda não sabem como lidar com eles. A questão que se coloca é: como estabelecer regras de convivência escolar superando a ausência de valores provida de uma educação doméstica deficitária, sem correr o risco de suplantar o direito às diferenças individuais de cada cidadão? Pergunta-se ainda como a Escola pode lidar com a ausência da educação familiar?

Portanto, este trabalho busca trazer as idéias dos diferentes sentidos que a indisciplina apresenta inserida nos diferentes contextos. A compreensão destas exige envolvimento da

comunidade educativa. Compreender os fatores que geram a indisciplina é fundamental para encontrar as soluções necessárias.

Em Vasconcelos (2000, p. 229) vamos encontrar a seguinte reflexão a respeito desta complexidade:

A questão da disciplina pede, para seu enfrentamento, a ajuda de um conjunto de áreas do conhecimento, com a Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Ética, Política, Psicologia, Economia, História, Tecnologia, Comunicação Social, além dos próprios saberes pedagógicos. Outro fato a ser considerado é que a disciplina é apenas um aspecto do processo de educação escolar, que pô sua vez também é extremamente complexo e exigente, uma vez que trata de participar da formação, ao mesmo tempo, de trinta, quarenta ou mais sujeitos. Que outra atividade humana apresenta tal nível de complexidade?

Esta complexidade deve ser percebida pela Escola, que tem atribuído à atual conjuntura da indisciplina, culpando assim, a Família e os meios de comunicação quando sabemos que é preciso analisar o problema sobre diferentes ângulos.

Vasconcelos (2000, p.229) enfatiza que “antes de mais nada, é preciso compreender que houve profundas mudanças na Escola, na Sociedade e nas suas relações. Parece difícil aos educadores da Escola dar-se conta disto.”

A necessidade da Escola reflete-se a partir das suas próprias mudanças, também é defendida por Sampaio (1999, p.04), quando declara:

A organização pedagógica da Escola é a base essencial para prevenir problemas de indisciplina e de absentismo. Se a Escola não é capaz de refletir sobre a forma como funciona não pode gerar um clima propício a um bom trabalho escolar. A noção de clima escolar está relacionada como uma espécie de personalidades, de maneira de ser, que é caracterizada do estabelecimento, determinada por uma série de variáveis, entre as quais a estrutura, o processo organizacional e os comportamentos individuais e de grupo.

De qualquer modo a Escola precisa distinguir situações problemas de indisciplina ou delinqüência. Assim poderá fazer algo e classificar como criminal ou comportamental, podendo tomar medidas de intervenção para propiciar aprendizagem. Desta forma, poderia encontrar a solução dos problemas confinando à própria Escola, aos professores em geral, a resposta às situações de indisciplina deverá passar pelo recurso da Pedagogia, metodologia e estratégias que cada professor ousa optar.

Desta maneira, há uma necessidade de combater a indisciplina, partindo do princípio que a Escola precisa entender e refletir a concepção teórica de ser necessário analisar a forma de controle, levando em conta que a disciplina e a indisciplina fazem parte das relações pedagógicas e são protagonistas da realidade escolar.

Para compreender o que é indisciplina, a Escola necessita entender primeiro sobre a disciplina, isto é, sobre o ponto de vista pedagógico e social. As normas formais precisam ser discutidas com a comunidade escolar, pois assim serão consolidadas para serem utilizadas, não contra esse grupo de alunos, mas a favor de um grupo maior que merece a oportunidade de utilizar as ações pedagógicas de combate e prevenção da indisciplina. Essas ações são complexas e transversais a todo aspecto educativo e implicam em estratégias concentradas a médio e longo prazo, isto é, de vida útil, igual ou superior a um ciclo de escolaridade.

Por outro lado o estudo das dimensões afetivas, sociológicas, culturais e educativas da indisciplina no espaço escolar não impede as medidas múltiplas preventivas dos fenômenos disfuncionais e indutores de harmonia. Para Tiba (2002) “esperar por conclusões e condições ideais para atuar, é abrir a porta a uma inércia paralisante”. Nunca é cedo para agir neste domínio problemático e sempre absolutamente insolúvel, mas é urgente conjugar esforços e vontade, antes que seja irremediavelmente tarde. Assim, necessário se faz compreender as causas da indisciplina, sendo importante agir dentro das possibilidades de amenizá-las e finalmente contê-las. Nesta jornada de indisciplinados, a Escola precisa apresentar alternativas ao trabalho em sala de aula, onde possa ser descobertas e evidenciadas as potencialidades destes alunos. Sampaio (1999. p. 04):

Na escolha de tarefas e atividades na Escola, os alunos realizam o trabalho do mesmo modo, pois possuem diferentes desenvolvimentos cognitivos, mesmo quando provém de famílias semelhantes. Para conferir sentido e modernidade ao trabalho escolar, é preciso deixar espaço do imprevisto e à imaginação, assumir coletivamente alguns projetos da Escola e ligar o esforço necessário do cotidiano dos seus atores.

A colocação do autor é pertinente, pois a Escola precisa oferecer atividades dinâmicas e envolventes no sentido de alcançar o campo de interesse dos alunos. Neste sentido, Pilleti (1999, p. 274) coloca bem a defesa de Sampaio por um fazer pedagógico diferente.

O professor não pode esquecer que o aluno aprendeu muita coisa antes de entrar para Escola e que continua aprendendo muita coisa fora da Escola. Portanto, o que o professor ensina não é a única influência que o aluno recebe nem a mais importante. Fora da Escola, ele aprende muita coisa importante para sua própria aprendizagem na Escola, importante para a formação da sua personalidade, importante para toda a sua vida.

O professor tem que mostrar ao aluno a necessidade de regras para uma boa convivência podendo estabelecer: normas, contratos e relações sociais. Apesar das transformações da Sociedade e da Família, esta é a base para o desenvolvimento humano. Mas, a Escola também pode colaborar considerando as relações interpessoais em sala de aula,

construindo vínculos entre professores e alunos, e contribuindo com a Família para o estabelecimento de regras de convivência.

Em reuniões, tanto a Escola como a Família se inibem quando vão tomar medidas sobre os atos indisciplinados dos alunos, por conta do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Sobre isso Mendonça (2006) afirma que:

Os atos de indisciplina devem ser solucionados na Escola, obedecendo-se às normas do regimento interno. Possuem competência e autoridade para aplicar as punições, os professores e o diretor, nos casos menos graves, e o colegiado (conselho escolar), nos casos mais graves. As medidas disciplinares para os atos de indisciplinas consistem, em uma maioria, em a) advertência verbal; b) advertência escrita com comunicação aos pais; c) suspensão da frequência às atividades normais da classe; d) transferência de turmas; e) transferência de turma (MENDONÇA, 2006, p.3).

As observações da autora são de suma importância, mas esbarram em outro dilema: a Escola não conhece bem o ECA, sendo por isso comum ouvirmos dos professores: “Não podemos mais punir esses alunos depois desse estatuto.”

Mendonça esclarece que o ECA não impede a punição, pelo contrário, o ESTATUTO não confere apenas direitos às crianças e aos adolescentes, mas é um importante instrumento pedagógico no combate à indisciplina.

2.2.O que é Disciplina?

Dentro do contexto escolar, com as mudanças e transformações que ocorreram, o professor direciona o desejo de disciplinar o comportamento de obediência dos alunos, com a tranquilidade de uma sala de aula silenciosa e passiva. Caso isto não aconteça à sala são considerados de indisciplinados e delinqüentes. É necessário haver uma compreensão em volta da concepção de indisciplina, para proporcionar um ambiente de convivência harmoniosa, a Escola se depara com uma complexidade de fatores que contribuem para sua indefinição.

Portanto, do ponto de vista pedagógico, muitos professores, concebem a disciplina como o bom comportamento ao passo que a indisciplina seria o mau comportamento. Porém, a definição não é tão simples como parece. Como descrito por Nunes e Santos (2006, p. 17):

A origem dos comportamentos e atos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar.

Tentando compreender o que é disciplina, começamos por definir como: obediência à autoridade, bem como aprendizagem, instrução e educação, segundo definição do dicionário (TEDESCO, 2002).

O professor e psicopedagogo, Celso Antunes, em artigo publicado no Portal Educacional, define a palavra disciplina, como a idéia de “educar”, “instruir”, “aplicar” e “fundamentar princípios morais” e que seu antônimo é “desobediência”, “confusão” ou “negação da ordem”.

Em entrevista concebida à Revista Aprender Brasil, o Dr. Içami Tiba (2002), enfatizou que antigamente a disciplina era resultado do interesse individual do autoritário e dono do poder em detrimento do grupo. Mas, na atualidade a disciplina deve ser compreendida da seguinte forma: “cada um deve saber e cumprir seus deveres individuais, a partir da compreensão do grupo. O aluno que transgride à norma da classe pode prejudicar o outro, um professor, por exemplo, mas não à classe como um todo”.

A concepção sobre disciplina está ligada à prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor (como já mencionado por outros autores). A autoridade moral e profissional depende de cada pessoa, pois procede ao método do ensino aprendizagem. Em Fontana (2009, p. 09) vamos encontrar a concepção sobre disciplina da seguinte forma:

Disciplina significa poder de controle, domínio dos recursos disponíveis para levar o bom termo o ato empreendido. Saber o que se tem de fazer e decidir fazê-lo prontamente e utilizando os meios necessários, é ser disciplinado. A disciplina é algo de positivo. Intimidar o espírito, dominar as tendências, impedir à obediência, mortificar a carne, fazer com que um subordinado desempenhe uma tarefa desagradável, tudo isto é ou não disciplina consoante tende ou não para o desenvolvimento da capacidade de compreender aquilo que se está fazer e para a persistência na realização.

Todos os conceitos são amplos e talvez sejam melhor compreendidos após a análise de sua polaridade, motivo pelo qual se faz necessário estudar o que é indisciplina?

2.3. Indisciplina

Em busca de uma boa convivência escolar, é necessária uma compreensão sobre indisciplina para superar a complexidade apontada por docentes no contexto pedagógico, afetando consideravelmente o processo de ensino e aprendizagem, a tal ponto, da instituição escolar vivenciar uma crise. Neste contexto, vamos encontrar nas palavras de Tedesco (2002, p. 15) a explicação para essa crise:

Nos últimos anos, [...] algo está mudando. A crise da Educação já não se apresenta como um fenômeno de insatisfação no cumprimento de demandas relativamente estabelecidas, mas como uma expressão particular da crise do conjunto das instâncias da estrutura social: desde o mercado de trabalho e o sistema administrativo até o sistema político, a Família e o sistema de valores e crenças.

O ponto de vista do autor reforça o que mencionávamos anteriormente, nas palavras de Pilleti (1999) são os fatores externos associados aos internos, como à instituição escolar, por exemplo, que influem nas relações escolares, daí a importância do contrato estabelecido em sala de aula para o convívio harmonioso.

Para os professores, a indisciplina denota a falta de noções de regra e limites por parte da criança, conseqüência da educação familiar, que não a prepara para conviver em um ambiente de regra, com deveres.

Recorrendo, ainda, as palavras de Tedesco (2002, p. 22), vão encontrar a necessidade de a Escola refletir sobre o papel da Educação na Sociedade. A reflexão segundo o autor é a seguinte:

Implica conseqüentemente, abordar o duplo problema de definir os conhecimentos e as capacidades que a formação do cidadão exige e forma institucional pela qual esse processo de formação deve ocorrer. As instituições escolares são boas lembrar – não criam o conteúdo do processo de socialização. Ao contrário, é o conteúdo da socialização que define o desenho das instituições escolares. A Escola foi criada para transmitir determinadas mensagens, que exigem uma organização institucional como a que conhecemos. Mas hoje é preciso nos perguntar se a Escola será a instituição socializadora do futuro e se a formação das gerações futuras exigirá esse mesmo desenho institucional. Ninguém está em condições de dar respostas categóricas a essas perguntas. Parece crucial, por isso, aceitar uma reflexão a partir da dúvida, das interrogações, e não, como estamos acostumados, a partir da pretensão de dar uma resposta única e categórica.

Deste modo, a Escola que não é capaz de refletir sobre a forma como funciona, não pode gerar um clima propício a uma boa aprendizagem. Neste sentido, há, antes de qualquer coisa, que distinguir entre situações de disciplina e de indisciplina. A indisciplina escolar constitui-se um “problema” às relações interpessoais e ao próprio processo de ensino.

Porém, devemos observar que a indisciplina na Escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanços pedagógico e institucional. Do ponto de vista de Vasconcelos (2000, p.77), “apesar dos mecanismos de reprodução sociocultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina”.

A indisciplina de acordo com a definição do dicionário é a ação ou fato que revela indisciplina, conseqüentemente, o indisciplinado é quem não observa a disciplina, o rebelde.

Entretanto, no meio educacional, não há um consenso sobre a definição de indisciplina, considerando-se muitas vezes a hiperatividade e as conversas paralelas como

atos indisciplinados. No ponto de vista de Pedroza (2006, p. 56), não é nada fácil definir o que é indisciplina ou disciplina. Em sua opinião os conceitos de indisciplina:

São conceitos complexos, pois não são estáticos, uniformes, nem universais e trazem consigo uma multiplicidade de interpretações. Eles se relacionam com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história entre as diferentes culturas e em uma mesma sociedade. Também no plano individual a palavra disciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que foram aplicadas.

A Escola necessita urgentemente traçar metas para desenvolver competências nos alunos tendo em vista as suas habilidades e seus objetivos. O professor ainda não está preparado para enfrentar o aluno crítico e esse é um fator que causa conflitos, pois o aluno não se conforma com aulas “teóricas”, sem sentido, e é esse não-conformismo visto como indisciplina. (Garcia, 1999).

Para alguns autores, como Pedroza e Garcia, disciplina significa obter a tranquilidade, o silêncio e a passividade dos alunos, para que eles não se distraiam dos exercícios propostos pelo professor e que sigam as regras pré-determinadas pelos adultos. Já na concepção de alguns professores, indisciplina implica violência, vandalismo, o que pode ser discutido e refletido em algumas colocações teóricas.

Moreira e Santos (2004, p. 09), em artigo sobre indisciplina escolar, gênero e sexualidade: Práticas de Punições e Produção de Identidades, também enfatizam a complexidade em definir-se a indisciplina, por ser um conceito que envolve diversas variáveis. Para as autoras:

A problemática da disciplina é complexa e seus conceitos variam de acordo com os valores culturais de uma determinada época e sociedade. Todavia, sempre esteve relacionada ao controle das ações e dos comportamentos das pessoas. Nesse sentido, o que mais fortemente tem marcado a discussão sobre indisciplina, por parte dos docentes e outros agentes escolares, é justamente a idéia de disciplina como conjunto de regras destinadas a manter a boa ordem da instituição, a partir da adequação do comportamento dos indivíduos a certas normas sociais padronizadas e previamente estabelecidas.

Diante desta complexidade a Escola além de não ter uma concepção definida do que sejam atos indisciplinados depara-se com outra dificuldade: definir metas que combatam a indisciplina no meio escolar.

Embora seja difícil e complexo lidar com o problema da indisciplina, a Escola não pode se acomodar e desistir de vencer esta questão, sendo assim, é preciso um trabalho conjunto entre a Escola e a Família em busca de soluções.

Em suma, a indisciplina precisa ser analisada pelo professor, que deve levar em conta os motivos e os porquês, para haver uma concepção e reflexão, bem como a necessidade de

superação a partir das discussões e conclusão da equipe escolar. Precisam-se trabalhar um conjunto de valores apontando que o importante é vencer os obstáculos em conjunto, todos com o mesmo objetivo, que é o conhecimento.

2.3.1. Indisciplina na sala de aula

Conquistar a disciplina nos dias de hoje tornou-se um desafio para a prática docente, merecendo uma reflexão em torno deste contexto escolar. Vamos analisar o que realmente acontece quando o professor depara-se com situações de crianças e adolescentes indisciplinados. Em geral, tais profissionais entram em desespero fazem ameaças ou até mesmo expulsam os alunos da aula, são atitudes como estas que escolas adotam em muitos casos.

Porém, essas atitudes não são coerentes com a metodologia da Escola, já que ela pretende formar gente: autônoma, emancipada, livre e consciente, capaz de fazer suas próprias escolhas. Devemos abandonar a ideia de que a criança ou o adolescente nasce rebelde ou disciplinado, trata-se de um comportamento construído. Se antes o silêncio equivalia à disciplina, hoje é interessante a participação do aluno, que demonstre sua opinião, para que assim se construa sua aprendizagem. Portanto, a indisciplina escolar é na verdade um fato preocupante e merece ser analisada. Do ponto de vista de Santos e Nunes (2006, p.06):

Ao começar a sua vida escolar a criança vai iniciar um extenso processo de socialização, deparando-se com uma organização que lhe é desconhecida e como uma série de regras que serão interiorizadas e cumpridas a fim de possibilitar uma relação de convivência assim, o aluno terá que aprender as novas regras da organização em que acaba de entrar a fim de se comportar adequadamente nas diversas situações. Contudo, nem todos os alunos que passam pela Escola se comportam conforme as normas estabelecidas. Muitos alunos rejeitam os objetivos ou os procedimentos valorizados pela Escola e pela Sociedade, sendo o seu comportamento visto como indisciplinado. Desse modo, a Escola, ao não conseguir realizar a socialização comportamental, cria situações de indisciplina nos seus alunos.

O aluno também espera da Escola uma norma disciplinar e acaba cobrando isso do professor, é normal essa cobrança em volta do controle disciplinar, por parte de todos. Quando o professor não o faz, ele é considerado como aquele que não tem controle sobre a turma.

A Escola tem que apresentar projetos que contemplem a questão da indisciplina, diante das dificuldades já encontradas em sala de aula, os professores não podem enfrentar estes desafios sozinhos. Por isso são necessárias diretrizes que norteiam o trabalho pedagógico. Estas diretrizes podem ser definidas no Regimento Interno da instituição e no Projeto Político

Pedagógico. A necessidade desse projeto é percebida, quando Vasconcelos (2000. P. 3) nos lembra das tendências que norteiam a prática pedagógica dos professores, dizendo:

O posicionamento dos professores pode ser classificado hoje em três grandes tendências: a Autoritária, a Espontânea e a Dialético-Libertadora (que representa um esforço de superação por incorporação tanto da Autoritária quanto da Espontaneísta), podendo ser analisados enquanto postura do professor e concepção de disciplina.

Estas concepções têm influenciado significativamente a maneira como a Escola atua e lida com seus problemas e desafios, pois, estas tendências pedagógicas continuam influenciando o ensino aprendizagem. A influência na prática docente de cada profissional decorre da sua formação acadêmica e uma formação continuada à qual lhe dará condições de escolher qual a prática mais adequada a seguir no novo cenário educacional.

A concepção de Vasconcelos é pertinente, pois temos percebido em conversas com professores que já existe essa preocupação em analisar a postura pedagógica da Escola ou, dizendo de outra forma, em definir no Projeto Político Pedagógico (PPP), a forma como é, e como deve ser exercido o controle sobre atos indisciplinados.

Muitos acreditam que a prevenção da indisciplina está relacionada com a organização pedagógica da Escola, mas Aquino (1998) nos alerta para a responsabilidade desta enquanto instituição, que não está preparada para receber o aluno que a procura hoje. O autor também denuncia práticas excludentes nos estabelecimentos de ensino que por si só e pelo confronto com os alunos, produz a indisciplina e assim, aponta para uma não-evolução diante das mudanças sócio-históricas. Antunes (2002, p. 9) faz uma análise em torno desta problemática afirmando que:

Uma classe indisciplinada, não permite aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno; não oferece condições para que os professores possam “acordar” em seus alunos sua potencialidade com elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício da cidadania; não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos.

O autor coloca que nem sempre a classe indisciplinada é aquela com mau comportamento ou que a disciplina é sinônimo de alunos comportados, ou seja, em sala barulhenta não há aprendizagem, ou em sala de alunos silenciosos há uma boa aprendizagem, isso não faz parte da concepção do cotidiano de uma sala de aula, pois, ambos têm que fazer

parte da rotina do professor, estabelecendo limites e respeito convencendo o aluno que depende de todos para obter uma aprendizagem significativa.

É importante que o professor saiba lidar com o aluno quando ele estiver inquieto, administrando a conversa transformando-a em aprendizagem. Isso a fundamentará de maneira significativa e resgatará no aluno a auto-estima. Partindo de um ponto que possa levá-lo a pensar, discutir, sorrir e dialogar. Fatos que o transformem e o desafiem à discussão entre eles mesmos, despertando em outros a participação, através desse exemplo, cabe ao professor usar estratégias que favoreçam integração e interesse discentes. Antunes ainda coloca que:

A Escola é indiscutivelmente, um foco de indisciplina, muitas vezes por sua organização inteira, por seus sistemas de sanções, pela não-integração e união entre sua equipe docente e administrativa, pelo estilo da autoridade exercida, mas, sobretudo leigos. O segundo foco seria o professor, se o resultado do trabalho, em ambas as circunstâncias é mais ou menos o mesmo, as diferenças, entretanto são enormes. Profissionais mal preparados podem ser reciclados e se trouxerem dentro de si mesmo a vontade de mudança, o desejo de luta pela superação de suas deficiências não há porque não investir em sua melhoria e progresso. Outro foco importante o aluno, parece ser assustados e terríveis, transforma-se em intenso e preocupante, mas com soluções previsíveis. Estas, porém, devem ser adotadas antes que o problema se manifeste. São, como se perceberá medidas profiláticas que impedem a doença, não remédios milagrosos que curam o impossível (2002. P. 19).

Em síntese, podemos afirmar a pertinência das colocações do autor, pois, o cenário da indisciplina depende de todo um conjunto escolar: escola, professores, pais e alunos; sem esses personagens não há problemática não há como analisar e avaliar o aluno dentro do contexto indisciplina.

O sucesso do aluno e aprendizagem depende de sua disciplina, a maior dificuldade que encontra para estudar é a falta de motivação. Entretanto, quando estão interessados em alguma coisa, são os mais animados empreendedores e disciplinados. (Tiba, 1996, p. 105-106).

Porém, o professor tem direito e deveres para desenvolver o aluno em suas habilidades, estimulando e observando fatores que induzam à disciplina. (Tiba, 1996, p. 106) Ainda coloca que o professor precisa fornecer energia para o aluno absorver o conhecimento. Pois:

O professor precisa despertar no aluno a função de discípulo, cativá-lo para que ache interessante o tópico que está sendo estudado.
Os alunos vão-se interessar pelo conteúdo previsto no programa escolar se houver uma correlação entre ele e o seu dia-a-dia. O professor sábio reconhece a importância desse conhecimento para a vida (TIBA, 1996, p. 106).

Pode-se afirmar que a disciplina e a indisciplina são produtos das relações pedagógicas estabelecidas entre os diversos protagonistas da realidade escolar. Podendo o professor realizar diversas maneira para desviar ato indisciplinado para o disciplinado. Alguns

professores apresentam a opinião que o aluno precisa de ordem e punição, sendo condição necessária para que haja aprendizado. Outros professores defendem que as crianças têm muito a aprender e a ensinar e a relação deve ser de cumplicidade, ajuda e humildade.

Podemos compreender estas concepções utilizando da argumentação de Pedroza (2006, p.37) que afirma:

A tarefa do educador é, pois, de orientar de regular e de organizar o meio social educativo, ou seja, ele deve atuar em todos os ambientes da Escola como um facilitador da sua própria interação com os alunos e com as relações que se estabelecem entre eles. Com certeza você já faz isso no seu dia-a-dia quando busca conhecer um aluno e o ajuda no espaço da Escola.

Realmente precisamos conhecer bem o aluno e sua realidade, pois só assim teremos condições justamente com a Família, dentro das particularidades de cada um de buscar soluções para um problema que afeta a todos. O importante nessa solução “é poder contar com um conhecimento a mais para refletirmos a nossa prática e buscar através desta, uma ação que seja educativa que leve ao outro, no caso o aluno, ao seu desenvolvimento intelectual e pessoal” (PEDROZA, 2006, p.38).

O ato indisciplinado na visão de La Taille, (1999, p.49) é principalmente a falta de interesse, a desmotivação tanto do aluno quanto do professor, o professor precisa entender o seu papel de autonomia e o aluno dentro das normas de bom convívio em sociedade entender que precisa cumpri-las e assim encontra aonde quer chegar. La Taille (1999, p. 49-50) ainda comenta que:

Lembrar e fazer lembrar um alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais e diálogo franco entre olhares éticos.

É necessário compreender o papel do professor na sala de aula e respeitar as regras e a sua atuação junto ao aluno, pois para este a figura do professor é a peça fundamental. O desrespeito e a desvalorização circulam diariamente nas salas contribuindo para tornar o aluno indisciplinado e sem expectativa de aprendizagem. Para Vasconcellos (2000, p. 27-28), em tempos anteriores, existia a:

Valorização social da Escola enquanto instrumento privilegiado de ascensão social; status, valorização do professor; formação mais consistente; remuneração mais condizente; a Escola via o professor como fonte privilegiada de informação; apoio incondicional da Família à Escola. Outro fator para a crise da disciplina está na queda do mito da ascensão social através da Escola. Até alguns anos atrás, a Escola não era também um espaço agradável, mas os alunos tinham uma motivação extrínseca ser alguém na vida. Atualmente, com a queda deste mito, fica muito mais

difícil para o professor conseguir um comportamento adequado do aluno, ainda que de passividade.

Infelizmente temos que concordar com o autor já que a Escola passa uma grande crise de credibilidade, que contagia o aluno, a Família e ainda mais o professor que precisa insistir na perseverança e conquistar seu espaço e apoio incondicional de toda a Sociedade. Assim, o educador não pode agir ou pensar que (in) disciplina é uma manifestação que não tem importância e sim um ato que necessita ser analisada. No minidicionário Luft (1998, p.247-386):

Disciplina é ramo do conhecimento, matéria (ensino); procedimento conveniente ou ordem requerida para o bom funcionamento de uma organização, regra, método. Submissão a um regulamento. Instrumento de flagelação usado por frades ou devotos. Indisciplina é falta de disciplina; desordem; anarquia.

Portanto, é necessário que o professor questione sua visão em relação à indisciplina, levando em consideração que o aluno só aprende se existir regras e limites, pois o conhecimento é um processo lento e requer disciplina. Já o autor La Taille (1999, p. 77) coloca o conceito da indisciplina como:

Se entendemos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações.

Sendo assim a disciplina propicia satisfação ou insatisfação ao outro de acordo com o que espera dentro do próprio contexto sócioeducativo. É o que La Taille (1999, p. 147) coloca em sua afirmação:

Quando o aluno se comunica mesmo que tumultue a aula, não necessariamente é um comportamento totalmente negativo, pois é na sala de aula o lugar onde vai experimentar os valores e crenças de que é feita a sua cultura. Se ele perder o espaço público, perderá também o contato com os outros e certo senso ético: o ato indisciplinado é, enfim, força que precisa ser trabalhada a fim de explicar a que veio.

Compreende-se a autora, onde a (in) disciplina muitas vezes é gerada porque o aluno se sente inferior, por não conseguir agradar o professor no que é proposto. Os educadores se encontram num verdadeiro dilema, só sabem reclamar dos alunos, mas não são capazes de identificar a causa do problema e tentar uma solução. Acabam rotulando os mesmos, por isso cada polêmico, onde há uma frustração tanto para os alunos como para a Família e para a Escola. Implica dizer que a questão da indisciplina é um fato que precisa ser levado em consideração abordando e analisando todos os aspectos do aluno. Pois a indisciplina não é

efeito de certas medidas disciplinares, mas sim de todo o sistema de Educação, de todas as circunstâncias da vida, de todas as influências que os alunos estão sujeitos. (La Taille, 1999).

A questão da indisciplina é complexa, porque ela tem múltiplas causas, uma vez que articula várias dimensões. Além disso, assumem formas diferentes em nossa sociedade atual, formas que não assistiam em outras sociedades e em outros tempos. No começo do século XX, pensava-se que consistia em se posicionar contra normas; uma desobediência insolente. Hoje ela caracteriza-se por um desconhecimento de regras, o que leva à desorganização das relações (PARRAT 2008 p.12.).

A autora afirma que em uma pesquisa realizada com professores, detectou-se que o aluno indisciplinado é aquele provocador, o que rejeita regras, o cometer injustiças gerarem a indisciplina na sala, com preferências, regras contraditórias, exigências impossíveis de cumprir em comunicar.

Segundo a autora, a indisciplina se relaciona com conjunto de valores que variam ao longo da história, entre culturas diferentes nas diferentes classes sociais. E ainda sim ela comenta:

A disciplina pode ter significados diferentes, e se, para um professor, indisciplina é não ter o caderno organizado; para outros, uma turma será caracterizada como indisciplinada se não fizer silêncio absoluto e, já para um terceiro, a indisciplina até poderá ser vista de maneira positiva, considerada sinal de criatividade e de construção de conhecimentos (PARRAT, 2008, p. 19).

Porém, concordo com as colocações da autora, já que há séculos atrás já existia a indisciplina, o que mudou foi a forma como o professor está reagindo à mudança do comportamento do aluno, onde qualquer ato às vezes é considerado indisciplinado. Na sala de aula, o professor tinha domínio total, o aluno apenas ouvia hoje o aluno não quer aceitar as regras, transforma a sala em um verdadeiro campo de batalha. Por isso a autora afirma:

As condutas indisciplinadas se generalizam, as crianças já não obedecem mais, as ideias de limites desaparecem, a Sociedade se transformou as crianças também mudaram e já não sabemos o que é preciso fazer. Poderíamos dizer que a indisciplina é provocada por problemas psicológicos, ou familiares, ou da estruturação escolar ou sócio-históricas (PARRAT 2008, p. 20).

A autora preocupa-se com a com a conduta da criança já que sabemos que é impossível falar em limites e regras sem falar sobre indisciplina. Indisciplina é causada por vários fatores que levam o indivíduo a está rotulado como indisciplinado, sem cumprir regras e limites.

2.3.2. Indisciplina X Família

Acreditamos que a indisciplina é um processo em torno da Escola e principalmente da Família. Aquino (1998) diz que a responsabilidade é mais da Família “a tarefa de educar em seu sentido nato não é de responsabilidade integral da Escola” para ele, esta tarefa é essencialmente familiar.

Diante da realidade escolar o professor e a Escola precisam compartilhar essas preocupações com a Família, que devem acompanhar o desenrolar da questão. Existem casos, em que ao procurarmos a Família para resolver problemas relacionados ao aluno, nos deparamos como famílias desestruturadas, nos levando as outras instâncias sociais e governamentais para solucioná-los.

De acordo com essa realidade familiar, atualmente, o papel do professor dentro da Escola é muito mais abrangente, pois ele precisa estar atento às capacidades cognitivas, físicas, afetivas, éticas e para preparação para educando para o exercício de uma cidadania ativa e pensante. A teoria de Vygotsky (1997) contribui para esta nova visão da criança, atribuindo importância à dimensão social, mediando assim a relação do indivíduo com o mundo.

Acreditamos também que uma das soluções são o diálogo e a participação efetiva entre Escola e Família, em uma relação de respeito mútuo entre ambos e que essa relação pode se dar de forma dinâmica e interativa. No caso da Escola, propiciar ao alunado, atividades significantes que despertem o interesse do alunado, tem revelado ser uma das alternativas possíveis. De acordo com Tiba (2002 .p.106.): se o aluno não respeita o professor, ele não terá uma aprendizagem favorável é preciso existir respeito entre ambos, é para isto acontecer, é necessário que a Família eduque seus filhos e se não ocorrer não poderá ser um bom cidadão. Sendo assim o autor comenta:

Nenhum caso do saber será honrado se não conseguir transmitir aos seus alunos o respeito e a gratidão aos seus professores. Estes valores deveriam vir de casa, praticados na Escola para se transformar em benefício social (TIBA, 1996. P.24).

Concordamos com o autor, pois para se ter aprendizagem é necessário o elo existente entre Escola, aluno e Família e assim tentar desrotular o aluno de indisciplinado ou delinquente. O autor ainda coloca que por mais indisciplinada que tenha sido uma pessoa, ela obteve a concordância da outra. Isto implica que “estudo não se negocia, ele é importante não só para a capacitação e a formação pessoal, mas também para o benefício e a qualidade de vida da Família e da Sociedade” (TIBA, 2002, p. 199).

A indisciplina nasce pelo fato de que a pessoa indisciplinada não desenvolve a noção de limites. Atualmente a maior dificuldade de estudar é a falta de motivação, entretanto,

quando são interessados em alguma coisa são mais animados e disciplinados. Concordamos com o que o autor fala sobre o aluno precisar ser motivado e valorizado para se tornar um ser disciplinado; ninguém nasce indisciplinado e sim aprende a ser indisciplinado. Portanto, “os melhores alunos são os que têm interesse em aprender, porque a sabedoria é um valor desde cedo muito bem considerado na educação familiar” (TIBA, 1996, p.101).

Na educação familiar transmitem-se conceitos de moral, de respeito, de honestidade e de caráter que são essenciais na formação do indivíduo. Entretanto, esta formação foi imputada à Escola, para muitos professores e estudiosos isso ocorreu devido às mudanças na estrutura familiar e em decorrência da entrada da mulher no mercado de trabalho, como já afirmamos anteriormente.

Então para haver a mudança que desejamos é preciso nos livrar do hábito de empurra-empurra, onde ora a culpa é da Família, ora é da Escola. Na verdade, somos todos responsáveis, o problema é de todos e a responsabilidade em encontrar solução também é de todos. Desta forma, o papel da Escola frente os atos de indisciplina deve ser um, e o da Família outro, pois são relações completamente distintas.

Não é fácil fazer um inventário das causas da indisciplina na Escola, o seu número não para de aumentar quase sempre estar suportada nas causas familiares. É aí que os alunos adquirem os modelos de comportamento que exteriorizam nas aulas. Houve períodos em que a pobreza, a violência doméstica e o alcoolismo foram apontados como as principais causas que minavam o ambiente familiar. Hoje, aponta-se também à desagregação dos casais, drogas, ausência de valores, permissividades dos pais quanto à educação dos filhos e etc. Quase sempre os alunos com maiores problemas de indisciplinas, provêm de famílias onde estes problemas existem.

Portanto, muitas vezes as razões não são só Educação, mas também todo âmbito social. É por isso que as aulas são locais de constrangimentos e de repressão de desejos. Freud e depois Foucault questionavam este problema, diante desta, diferenciar os alunos entre si é a atitude que assumem perante estas obrigações, como:

- ✓ Obrigados – satisfeitos: uma minoria que se conforma com as exigências que a Escola lhe impõe.
- ✓ Obrigados - resignados: a maioria que se adapta ao sistema procurando tirar partido da situação, atingido dois objetivos supremos: “gozar a vida” e “passar de ano”.
- ✓ Obrigados – revoltados: uma minoria inconformada (ou maioria conforme as circunstâncias socioeconômicas do meio). Da Família à Escola e desta à Sociedade colocam tudo em causa: valores, normas estabelecidas, autoridade, etc.

Diante desta classificação não é fácil explicar as razões que levam uns a assumirem-se como “conformistas” e outros como “revoltados”. A “falta de afeto” ou a “vontade de poder” são, por exemplo, duas motivações. Por outro lado, há professores que provocam razões para a indisciplina, isto acontece em muitas variáveis, mas quatro delas não são frequentemente citadas como:

- ✓ Falta de capacidade para motivarem os alunos, nomeadamente utilizando métodos e técnicas adequadas;
- ✓ Falta de preparo para lidarem como situações de conflito;
- ✓ Forma agressiva como tratamos alunos estimulando razões violentas;
- ✓ A estigmatização e a rotulagem dos alunos.

Contudo, um aluno ou professor indisciplinado é em princípio alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita sancionada em termos escolares e sociais.

2.3.3. Motivos que levam a posturas indisciplinadas

Algumas ciências refletem sobre o comportamento humano que podem ser adquiridos de forma verbal ou física, seja de maneira individual ou social. Para muitos a indisciplina é um traço natural do aluno, cuja harmonia é um traço natural deste, cuja harmonia e paz somente pode ser realizada mediante a forma de repressão, cujo professor usa diante do seu autoritarismo contra o aluno. Para outros há fatores sociais que levariam às condutas desnecessárias.

Diante disso há verdades nas duas oposições, porém deve-se abandonar a visão naturalista do homem e pensar sobre seus desejos e ações de forma contextualizada. A disciplina depende em alto grau de fatores sociais, de contextos culturais e de sistemas morais. O grande foco da crítica e da atribuição de responsabilidades pelos problemas de indisciplina que ocasionam as posturas violentas na Escola, está sendo o aluno em particular na Família.

De fato, percebem-se muitas famílias desestruturadas, com hierarquia de valores invertida em relação à Escola. A Família ainda não está cumprindo o seu papel, em estabelecer limites e desenvolver hábitos básicos. Portanto, o autor comenta:

Para haver disciplina, é necessária a presença de uma autoridade saudável. O segredo que difere o autoritarismo do comportamento autoritário adotado para que a outra pessoa torne-se mais educada ou disciplinada é o respeito à autoestima. Motivados pelo amor, pelo desejo de satisfazer todas as necessidades dos filhos,

alguns pais modificam seus comportamentos e ofertas à medida que a criança cresce. (Tiba, 1996, p. 13).

O autor ainda coloca algumas causas que fogem do controle da Família e da Escola, fatores que precisam ser observados e avaliados por uma equipe técnica que faz parte do âmbito escolar. São distúrbios que precisam ser analisados, sejam eles pessoais, sociais e econômicos. Para ele, “professores, assim como psiquiatras, psicólogos ou outro ser humano qualquer não estão livres de sofrer de quadros psiquiátricos ou neurológicos, portanto, é sempre bom estarmos atentos uns aos outros”. (TIBA, 1996, p. 120).

Entretanto, seja professor, seja aluno, quem não estiver em condições permanecer na aula não pode desta participar; a simples retirada do estudante da classe não resolve o problema, mas é isso o que professor pode fazer. (TIBA, 1996).

O professor precisa estar seguro dos acontecimentos existentes no meio escolar, na área educacional existem professores que questionam o aluno e quando é questionado não aceita, tornando-o seu rival. É preciso que o professor, conhecedor da pesquisa e do conhecimento, compreender que pode ser questionado e reconstruir o conhecimento do seu aluno. Por isso os docentes precisam ser pesquisadores e elaborar seu programa de trabalho, e tornar o aluno mais disciplinado. É o que afirma Mendonça (2009, p. 41):

Para ser um profissional da Educação, precisa da pesquisa como ferramenta científica e, sobretudo com base educativa. Trata-se, pois de incentivar o professor a produzir textos próprios dotados de marca científica suficiente, nos quais possa de modo mais evidente e garantido, progredir no questionamento reconstrutivo, em termos teóricos e práticos. Significa uma focalização sistemática, que induz aprofunda-se, de tal sorte a sair da condição de mero leitor ou espectador, para assumir a de contribuinte eficaz. Concentrar esforços em procedimentos que levam ao aprofundamento, como leitura constante, coleta diligente de dados e informações, participação de seminários e encontros, cultivo e manutenção de contatos instigadores.

Outro ponto que Groppa (1999, p. 42) aponta é que “o despreparo do professor prejudica em termos de fracasso escolar”. Para justificar o fracasso escolar, o professor despreparado coloca a culpa na fome que o aluno apresenta na sua educação doméstica, ou na ausência dos pais.

Sendo os professores uma classe marcada pela pobreza de modo geral, é necessário reivindicar dos poderes públicos que coloquem à disposição dos professores as oportunidades que não podem sustentar pessoalmente, como biblioteca e videoteca, acesso a jornais e revistas, lugar para estudar, pesquisar, formular, além garantir formas profundas recorrentes de recuperar a competência, sobretudo através de cursos longos, de pelo menos 80 horas. (GROPPA, 1999, p. 49).

O aluno chama à atenção do professor utilizando-se de instrumentos que desestruturem a sala e desrespeitem às normas existentes. Assim, Parrat comenta:

A indisciplina é interpretada de várias formas, ou seja, de múltiplas interpretações. Observada a partir de diferentes marcos como: o aluno, o professor ou da Escola. Se for o aluno, expressa em suas condutas, nas interrelações com seus pares e com os profissionais no contexto escolar e no seu desenvolvimento cognitivo. No referencial escolar e na medida em que se manifestem as contradições com relação aos referenciais que ela assume, poderia considerar que a Escola é indisciplinada. Se for o professor como ponto, são suas condutas que aparecem como indisciplinadas quando ele não respeita as normas estabelecidas além do mais, muitas vezes a forma de intervir do professor para estabelecer ordem pode gerar indisciplina nos alunos (PARRAT, 2008, p. 21).

Entretanto, a autora coloca de forma inquestionável sua posição em relação ao fenômeno indisciplina que mantêm suas características, variando-nos diferentes contextos. Colocando em vista que a Escola tem sua parcela de culpa contribuindo para formar o aluno indisciplinado com sua postura autoritária, este estabelecimento dispensador do saber, deve preparar o aluno para ser um cidadão crítico capaz de resolver e enfrentar problemas, elaborar soluções; assim o professor também deverá ser capaz de resolver soluções problemas que venha a ocorrer em sala de aula.

A mesma autora mostra como a indisciplina pode levar à violência, ressaltando que elas estão associadas nas maiorias das escolas. Assim o professor precisa compreender essa diferenciação entre agressão, vandalismo com a indisciplina. Libâneo, reporta os atos de indisciplina podem ser agrupados em três categorias:

A intenção de escapar do trabalho escolar considerado fastidioso, desinteressante ou muito difícil. A abstenção, impedindo o desenvolvimento do curso dado pelo professor. E outro ponto é um protesto contra as regras e as formas de trabalho. Trata-se aqui de denunciar um contrato implícito que funciona na aula sem que a opinião dos alunos tenha sido levada em conta. (LIBÂNEO, 1994, p.32)

Por isso alguns autores comentam a importância de regras e limites desde criança para quando adultos não possam ser rotulados como indivíduos indisciplinados. Durkheim, afirma que a indisciplina é o gosto da existência regular. Na criança predomina a fantasia e mobilidade; não há limites para o desejo, nada freia suas emoções, nem suas tendências instintivas. Porém, Durkheim reconhece que apesar da mobilidade, os rituais são importantes na sala da criança. Vai chegar o momento que ela irá entender a necessidades das regras e assim será a vida escolar.

Na Família, a tendência altruísta e os sentimentos de solidariedade predominam sobre o dever. Na Escola as regras são necessárias e constituem um instrumento insubstituível da educação moral. Para uma disciplina forte, como também devem existir penalidades escolares

que sancionem a indisciplina. Para ele, o castigo deveria apagar ou reparar a falta cometida no desrespeito a regras.

Para Piaget (1956 apud VASCONCELLOS, 2000, p.160-161), que critica Durkheim afirmando que sua doutrina entra em contradição com as recentes aquisições da Psicologia com as da Pedagogia Nova. Para Durkheim o espírito de disciplina é o ponto de partida de toda vida moral. São necessárias regras que possuam uma autoridade suficiente, é por meio da vida social que elaboram as regras.

Todas as experiências de Piaget mostram que as regras seguidas e respeitadas pelas crianças são resultantes das relações sociais. Só que para Piaget, não existem apenas um tipo de autoridade nem apenas um tipo de regras, Durkheim nem se preocupa com essa questão. Para ele, toda autoridade deriva da Sociedade e o professor é o intermediário entre a Sociedade e a criança. Por isso, tudo depende do professor e a regra é como uma relação que o adulto dá à criança.

2.3.4. Como enfrentar os problemas de indisciplina

Primeiramente é necessário que a Escola, a Família e o professor que tenham consciência que o ato de indisciplina não é algo que não faz parte do nosso cotidiano, algo a parte de sua vida. É essencial que o professor e o aluno sejam excelentes pesquisadores do desempenho escolar, assim definirão qual o conhecimento e objetivo adquirido durante o desenvolvimento intelectual e educacional. (ARAÚJO, 2005).

Estas colocações são pertinentes, pois para entender o que acontece no cotidiano escolar, é preciso compreender o que ocorre na Família e assim suprir a necessidade do aluno. O autor Içami Tiba (2002, p. 165-166) faz uma abordagem em torno dessa problemática:

Autoridade e carinho. A autoridade deve estar sempre presente no processo educativo. Só que os pais confundem com dureza, rigidez e acham que não ter autoridade é ser molão, carinhoso no sentido pejorativo. De outro lado, enxergam a mãe carinhosa e submissa, o pai autoritário e estúpido. Carinho cabe em qualquer lugar e deve estar presente em toda relação em que existe amor. O carinho faz a ordem chegar ao coração.

Segundo o autor é necessário impor limites ao filho, pois a imposição tardia de autoridade e repressão não vai ajudar na sua disciplina. A noção de limites deve ser construída gradativamente e desde cedo. Para Tiba (2002)

Em todas as idades, o mais importante é preservar a convivência e só depois fazer a cobrança. Toda vez que os pais se preocupam com o filho, ele se sente amado. Pois,

a disciplina não depende só da cultura, às vezes o que mais conta é o caráter. (TIBA, 1996, 180-181).

Sendo assim se constitui grande preocupação dos professores, Família e Escola, quando a manifestação sobre indisciplina permanece no cotidiano escolar. Para Piaget (1956 apud VASCONCELLOS, 2000, p.160-161.).

É essencial o Projeto Político-Pedagógico que explicita as grandes opções das escolas, resgatando o sentido. O projeto de ensino aprendizagem que, entre outras coisas, explicita o sentido da matéria a ser estudada e as condições adequadas de trabalho na Escola. Enfrentar o problema logo no começo. Oferecer uma adequada estrutura em sala de aula. Buscar a desalienação da relação pedagógica. Esgotar as possibilidades no âmbito de ação. Diante da agressão do aluno, tomar distância para poder pausar e não reagir provocações no mesmo nível. Propiciar um clima de acolhimento e respeito. No caso de necessidades de aplicar sanções, superar os “castigos” tradicionais que só levam à revolta, trabalhar com sanções por reciprocidade.

Concordamos com as colocações do autor, quando ele afirma que para tentar resolver ou conviver com os conflitos em sala de aula, o professor precisa ser e estar preparado para assim ser um mediador da convivência escolar, favorecendo à construção da autonomia dos alunos. É preciso incentivar o aluno a participar da aula, o fazê-lo sentir-se importante, mas muitas vezes isto não acontece.

O aluno precisa entender que a aprendizagem e a disciplina dependem dele também, todos fazem parte desta construção, sem eles não é possível acontecer. Que tudo necessita de realização, esforço dedicação, frustração. Portanto, a parceria entre alunos, professores e instituição é inevitável, pois para se construir um sentido relacionamento escolar, tem que haver uma reflexão de decisões para que a disciplina seja um caminho de formação de um novo cidadão. (VASCONCELLOS, 2000, p. 162.).

Parrat (2008) coloca que a disciplina não se identifica com ordem, e sim com práticas que têm diferentes tipos de exigências. Assim as condutas de indisciplina chegaram a se transformar em um sintoma de um comportamento individual uns desvios, fazendo com que os alunos sejam qualificados ou diagnosticados como: instáveis, acelerados, desrespeitosos, insolentes ou hiperativos. E mais, é interpretada como doença que deve ser curada com remédios.

O ponto de vista da autora é bastante pertinente já que sabemos a visão da Escola em relação ao aluno com desvio de conduta, logo, arruma uma solução para diagnosticar o aluno, rotulando de alguma forma para que ele vá para um psicólogo ou algo parecido. Explica:

Se o aluno for obediente, então, quando o aluno não concorda com a solução do professor, essas condutas não devem ser vistas como atos de indisciplinados, e sim como associados à criatividade do estudante. Se a disciplina só existe pelo medo que

o aluno tem de ser castigado ou quando o professor adota uma postura autoritária par estabelecê-la, ela se torna negativa porque, em vez de permitir que o aluno cresça e conquiste sua autonomia, ela mantém dependente (PARRAT, 2008. P. 21).

Enquanto isso Ulisses Araújo faz suas colocações sobre como tentar enfrentar a indisciplina em sala de aula, pontos importantes que ajudará na diária escolar. Araújo (2001, p. 149) acredita que tratar deste tema em âmbito escolar passa por uma reflexão sobre a moralidade humana, a autonomia, a liberdade e a opressão moral e intelectual. Busca discutir as relações existentes, apresentar experiências concretas aos profissionais da educação que querem entender a questão da indisciplina e buscar caminhos democráticos para construção de novas relações dentro das escolas.

Araújo, assim como outros autores, citados anteriormente, também acredita que os distúrbios disciplinares constituem um dos problemas pedagógicos e morais da atualidade e que acaba por comprometer a busca de uma maior qualidade de ensinar.

O primeiro aspecto levantado por Araújo, os conteúdos escolares, aparece como um dos grandes problemas enfrentados pela Educação, nos dias atuais, devido à sua inadequação nas diversas disciplinas curriculares. Nota-se que, tais conteúdos são oferecidos sem muita relação com a realidade e com o cotidiano dos alunos, despertando, muitas vezes, a falta de interesse, uma das grandes fontes para se chegar à indisciplina. De acordo com o autor, com a implementação de um processo de democratização da Escola, “inicia-se uma cobrança para esta e os conteúdos por ela trabalhados, sejam mais interessantes e próximos do cotidiano e da realidade dos alunos”. (ARAÚJO, 2001, p. 13).

O autor propõe como ajuda para adequar os conteúdos ao dia-a-dia dos alunos, um trabalho com os “temas transversais” na Educação, como: a Saúde, a Ética, o Meio Ambiente, o respeito às diferenças, os direitos do consumidor, as relações capital X trabalho, a Igualdade de oportunidade, as drogas e a educação de sentimentos.

Para Araújo, o segundo aspecto abordado é a metodologia das aulas, já que, como se sabe, não é possível construir a cidadania a partir de relações autoritárias e presas a metodologias que apenas transmitem e reproduzem o conhecimento.

Portanto, deve-se pensar em um trabalho em que privilegie o desenvolvimento da competência dialógica e reflexiva dos educandos, e ao mesmo tempo trabalhar com estratégias que priorizem a tomada de consciência dos alunos quanto aos seus próprios sentimentos e emoções.

O autor propõe que os professores trabalhem em suas aulas a partir de dinâmicas que incluam três tipos deferentes de atividades: reflexivas; conceituais concretas; e práticas

experienciais, a fim de que o processo educativo possa tornar-se mais significativo para os alunos, contribuindo assim, para a construção de personalidades morais autônomas.

Ele chama de atividades reflexivas, àquelas atividades onde os alunos relacionam os conteúdos escolares aos aspectos da realidade de pessoas e coletiva através de uma reflexão crítica; já as atividades conceituais concretas, partem da reflexão pura e se aproximam da realidade concreta do cotidiano, para atividades deste tipo, o autor sugere que se trabalhe a partir de dinâmicas onde se possa experimentar o conhecimento estudado a partir de situações hipotéticas ou a partir de dados do cotidiano dos alunos.

As atividades práticas experienciais permitem a construção de conhecimentos e valores a partir das próprias experiências sociais, assim as metodologias das aulas juntamente com a reorganização curricular assumem um importante papel na diminuição nos casos de indisciplina escolar. Aulas, dinâmicas, dialógicas, a partir de experiências concretas dos alunos diminuem a probabilidade de incidência de comportamento julgados indisciplinados.

O terceiro aspecto são relações interpessoais, uma Escola voltada para a construção da cidadania deve priorizar que as relações entre seus membros sejam fundamentadas em bases democráticas e no respeito mútuo. Para Araújo, a palavra “respeito” significa um sentimento que é vivenciado nas relações interpessoais e a partir dessas reflexões, explica que, tanto se pode sentir respeito por outras pessoas movidas pelos seus valores e atitudes, como também por si próprio, como é o caso do auto-respeito.

O quarto aspecto abordado é sobre valores dos membros da comunidade escolar, que parte do princípio de que, são constituídos na experiência significativa do sujeito com o mundo. O que depende diretamente dos valores implícitos nos conteúdos trabalhados no dia-a-dia e da qualidade das relações interpessoais estabelecidas entre o sujeito e as fontes dos valores.

O quinto aspecto levantado é a auto-estima que para o autor está se referindo à auto-imagem que cada pessoa tem de si mesmo.

Araújo concorda com Harkt-de La Taille (1999, p.20), ao citar que, “cada ser humano constrói para si uma imagem que considera representá-lo, com a qual se identifica e se confunde”. Imagem esta, que desliga do parecer para o ser, no momento em que, ela constitui um mesmo e único valor.

Na sequência autor coloca o sexto aspecto que será comentado a seguir: o autoconhecimento possibilita conhecer a si próprio, conscientizando-se de seus valores e sentimentos. Segundo Araújo (2001, p. 157). “A construção de consciências autônomas passa pela construção de processos de auto-regulação que permitem ao sujeito dirigir a própria

conduta por si mesmo”. Além disso, o sujeito é capaz de perceber com maior sensibilidade seus próprios sentimentos e emoções.

Por fim, o sétimo aspecto levantando por Araújo, refere-se à questão da gestão escolar, uma escola direcionada ao autoritarismo não contribui para a formação de personalidades morais autônomas e críticas, nem muito menos leva à construção da cidadania. Portanto, de acordo com as abordagens de Araújo (2005) e comprovadas por ele a partir da sua experiência em escolas brasileiras, utilizando-se alguns aspectos que interferem no processo de construção de personalidades morais autônomas e de escolas democráticas, não há como enfrentar as questões de indisciplina sem promover uma reorganização na instituição escolar e no próprio objeto Educação.

Um caminho para se enfrentar a indisciplina seria através do reconhecimento dos alunos como possíveis parceiros de uma jornada política que tem como meta a construção de uma sociedade mais justa. Assim, diz o autor:

As relações na Escola devem ser de respeito mútuo, a diversidade dos interesses pessoais e coletivos deve ser valorizada, e a Escola deve buscar construir uma realidade que atenda aos interesses da sociedade e de cada um de seus membros. (ARAÚJO, 2001, p. 158).

Tal verdade associada às demais verdades parciais, ajudam a compor um quadro de totalidade com significado complexo que vai além da soma das palavras que o compõem. Enxergar a totalidade do quadro, porém não significam desconsiderar a importância das análises sobre os aspectos parciais presentes e percebe que a visão do todo influencia a leitura dos elementos parciais. Esta é a unidade completa que este paradigma permite vislumbrar: a ideia de que as partes estão no todo e o todo está nas partes.

Para compreender as relações de indisciplina naquela sala de aula podemos buscar explicações pontuais a partir de referenciais que ajudam na explicação de determinados aspectos, o que não está equivocado em uma perspectiva de simplificação. Podemos, porém articulá-los, se esta leitura perturba àqueles que gostariam de encontrar explicações simples, ou soluções simplistas para a questão das indisciplinas escolares, ela é coerente com a ideia do pensamento complexo. Como afirma Saviani (1999), a complexidade, na verdade, aponta problemas e soluções. Ela está atrelada a confusões, incertezas e desordens. Entender o cotidiano de uma sala de aula e os comportamentos disciplinados e indisciplinados ali presentes, nos remete necessariamente à busca de referenciais como esse e deve nos afastar de buscas simplistas que mutilam e cegam a realidade.

3. A IMPORTÂNCIA DO LIMITE

3.1. Educação através de punição - autoritarismo e transgressão

Uma análise no capítulo anterior conduz à observação dos aspectos que contribuem para tornar o aluno indisciplinado, podendo, através de a punição regredir ou progredir é o que comentam alguns autores, portanto, educar exige autoridade, que é diferente de autoritarismo. É necessário mostrar que não se pode vencer a indisciplina com ditadura, com punição. Tais ações transformam o aluno em um ser mais violento e não só indisciplinado, um revoltado.

O aluno afronta o professor e torna a sala um lugar de luta e transgressões resultando na inquietude, na frustração na indisciplina e na violência. Muitas vezes, os pais e educadores por confusão ou insegurança, são levados a posições excessivamente liberais mescladas de culpa, ao tentarem impor limites aos alunos. Isto implica em muitos casos, em completa ausência de autoridade. No entanto, educar necessita de limites, mediante regras claramente estabelecidas diante disso o autoritarismo e a tirania dos pais e professores cedem lugar ao autoritarismo e à tirania dos alunos. Por isso há uma grande necessidade de educar, disciplinar sem usar este autoritarismo e sem esquecer a autoridade que levará o aluno a respeitar e temer, pontos distintos quando há uma Educação Tradicional voltada para o professor que torna o aluno escravo de si mesmo sem chance de progredir dentro do âmbito escolar.

Tais comportamentos podem levar os alunos à desestruturação psicológica torna-se violento realmente sem vontade de prosseguir e continuar lutando para um futuro melhor. A Escola e o professor precisam oferecer uma Educação de qualidade e participação. Segundo Aquino (1998, p. 67) “estamos em outro tempo e precisamos estabelecer outras ralações”. É essencial considerar o aluno em ralação ao meio e momento histórico em que vive. Vasconcellos (2000, p. 15), diz que:

Hoje, os alunos continuam não vendo sentido nas práticas de sala de aula, e não vislumbram mais em futuro promissor pela via do diploma. O professor que baseava sua autoridade neste mito está perdido. E, o que é pior, não tem conseguido articular outro sentido para o conhecimento, a Escola, o estudo.

Concordamos com o autor ao mesmo tempo em que lançamos a questão: o que será que está acontecendo? Já que sabemos que a Educação só funciona com autonomia e autoridade, e não com autoritarismo. Até que ponto a Escola questiona o seu comportamento? Sabemos que ainda há casos que precisam ser modificados em nossa Escola, na sala e em nossos professores.

Porém, sabe-se que os alunos foram e sempre serão insistentes quando querem algo, sempre estarão testando autoridade e tentando quebrar limites. Entretanto, as gerações anteriores educaram seus filhos com autonomia onde a ordem era para ser cumprida, enquanto atualmente perderam esta autonomia, perdendo a chance de mostrar que a Educação poderá ser aplicada progressivamente. Revertendo o quadro em que o jovem perdeu a noção de regras e limites. Assim, Tiba (1996, p. 13) coloca:

Autoridade é algo natural que deve existir sem descargas de adrenalina, seja para se impor ou se submeter, pois é reconhecida espontaneamente por ambas as partes. Assim, o relacionamento se desenvolve sem atropelos. O autoritarismo, ao contrário, é uma imposição que não respeita as características alheias provocando submissão e molestar, tanto na adrenalina do que impõe, quanto na depressão do que se submete.

Diante disto observa-se a necessidade de uma reflexão no meio escolar, refletindo que para haver aprendizagem é essencial uma autoridade saudável, isto é, com limites. Enquanto, Skinner colocar um em suas ideias que o comportamento produz consequências, que poderão surgir de acordo os atos ocorridos com o indivíduo. E mostra que “o comportamento é indispensável, porque ele é que produzirá aquilo que passará a fazer parte de seus determinantes”. O que se entende é que o comportamento é consequência da forma de viver e aprender do indivíduo, dependendo do seu comportamento e determinismo. Sendo assim. Skinner (1955 apud VASCONCELLOS, 2000, p.132) comenta:

O processo possivelmente evoluiu porque o comportamento foi fortalecido quando tinha importantes consequências para o indivíduo e para a espécie. Entretanto. O processo não poderia levar em conta a maneira como o comportamento produziu suas consequências. Era suficiente que as consequências se seguissem mesmo apesar de serem produzidas por várias e diferentes coisas realizadas. O condicionamento ocorre quando as consequências reforçadoras se seguem por algumas razões, qualquer que sejam.

O autor afirma que a forma de agir do indivíduo, indica consequências que acarretarão em punição, mas ele descarta qualquer tipo de punição, pois o indivíduo precisa se fortalecer para vencer o sentimento de autoritarismo e sentir o prazer da liberdade de aprender, sem punição.

Vasconcellos afirma que se faz Educação com autoridade, respeito e conflito para desenvolver a personalidade do aluno constituindo progressivamente. Para Palácios antes existia respeito por parte do aluno e o mestre era visto com temor, pois, qualquer vacilo poderia ser punido ou até mesmo expulso da Escola, das avaliações, esse respeito, portanto tinha por base o medo e a coação. Ele afirma que:

A construção e constituição da autoridade não é fruto exclusivo do funcionamento da razão humana. (Ao menos da forma como o projeto iluminista concebeu a razão).

Discutir possíveis papéis da afetividade nesse processo é um dos objetos (2006, p. 3).

É necessário compreender como se proceder para encontrar o ponto de equilíbrio entre o autoritarismo e a autoridade para que a auto-estima não se torne baixa. Autoridade sim, o autoritarismo contribuirá para regressão constante deste aluno. Para estabelecer autoridade faz-se necessário o estabelecimento de limites. O educador vele-se das regras, que contribuem para a organização do ambiente de trabalho, para melhor aproveitamento, responsabilidade dos acontecimentos e procedimentos existentes na sala. Devries e Zam (1999, p. 130), explicam que:

O objetivo geral de desenvolvimento as crianças em tomadas de decisões e estabelecimento de regras em suas salas de aulas é contribuir para uma atmosfera de respeito mútuo na quais professores e alunos praticam a autorregulação e a cooperação.

Entretanto, as regras são acordos elaborados pelo grupo que poderá ou não beneficiar a toda sala. Esses acordos estabelecidos entre todos podem privilegiar uns e não ser bem vistos por outros, mas manterá a sala em clima harmoniosa, quando forem cumpridos. Essas regras propiciam o respeito por si próprio e pelo outro, assim o professor irá compreender que as regras devem auxiliar na construção deste ambiente.

O professor deve refletir sempre se a indisciplina não é decorrente de uma didática pobre e desinteressante, de uma postura (autoritária ou permissiva) ou ausência de uma dinâmica de classe (crianças sem fazer nada, só ouvindo). Em muitos casos, a questão não deve ser resolvida com mais uma regra e sim com uma análise do problema, com uma posição consciente e estratégica do professor.

Assim, estudando, refletindo e revendo os educadores vão construindo, aos poucos com segurança, equilíbrio e respeito mútuo, os limites, auxiliando a criança para conviver em uma sociedade com regras e sanções. Para La Taille (1999, p. 120) “se desde cedo a criança aprende aos poucos ela própria vai compreendendo que as regras são como contratos estipulados para que todas as partes sejam beneficiadas”.

Concordamos com a idéia de que, se as crianças logo cedo, apresentarem rebeldia e não lhes forem impostos às regras e o limite, estas irão se tornar indisciplinadas às regras impostas que devem ser cumpridas sempre. Piaget em La taille (1999 p.79). Coloca que o educador deve recorrer muito mais à reciprocidade do que à autoridade “que favorece mais do que qualquer imposição ou qualquer disciplina exterior, o desenvolvimento da personalidade moral”.

Entretanto, encontram-se vários casos nas nossas escolas de jovens que são fisgados em algo que lhe é proibido para que possa transgredir qualquer regra ou limite não importa o que importa é o desejo de infringi-las. Um meio que torne atrativo e que sua presença seja notada, que a pessoa o veja como um indivíduo. Diante da transgressão o adolescente busca seu eu, ou seja, sua identidade a agressão é parte do desenvolvimento normal e a transgressão é necessária para o desenvolvimento da identidade, então os limites são fundamentais para o equilíbrio.

Na sala de aula a agressão se manifesta de várias formas e muitas vezes o agressor nega-se a cumprir as normas, uma busca de limites e atenção. A agressão é um meio que encontrou para reivindicar por seus objetivos em busca de chamar à atenção. Em observação a uma sala de aula, nota-se o grau de irritabilidade gratuita e desnecessária, podendo lançar sobre qualquer um que está em sala, inclusive com os professores que os jovens muitas vezes demonstram desagrado e desprazer em colaborar ou seguir as normas estabelecidas, como demonstra Mielnik (1998).

O educador precisa entender o seu papel diante desse jovem que busca autoafirmação, desafiando todos para chamar atenção a si próprio e deixando a sala de aula como também o professor em pânico. Entretanto, o seu papel é de entender essas manifestações e impor ordem e disciplina, cobrando obediência às regras e normas do grupo. Proporcionar a segurança aos alunos para que obtenha equilíbrio em suas ações, já para o aluno o professor é o seu amparo, sua segurança, em outros casos os alunos sentem-se perdidos e desamparados, sem limites. O aluno que não teve momentos de carinho na família, busca na escola. Por isso a impunibilidade de uma agressão na sala é inaceitável, pois a melhor forma de mostrar afeto por um aluno é saber dizer-lhe não na hora certa, este deve ter em mente que toda regra estabelecida ou limite imposto deve ser respeitado.

Porém, não basta cobrar regras ou castigar e sim dar atenção a um aluno que está perdido, bagunçando, transgredindo normas, mesmo lhe dando alguma tarefa, ou seja, algum trabalho para realizar em prazo marcado, mas que exija responsabilidade na execução, só assim ele perceberia que a exigência, era necessária e ele sentiria que estava sendo útil no meio social. Porém, é importante que o professor seja referência para este aluno. Para Pequeno (2001, p. 72):

Os professores também são pessoas importantes para os adolescentes se identificarem e, nesse sentido, têm uma participação essencial no processo. A maioria das pessoas adultas é capaz de lembrar de professores importantes, com os quais se identificou da mesma forma que daqueles com as quais buscou ser completamente diferente.

Muitas vezes pais e educadores temem ao impedir os alunos de satisfazer determinadas vontades, estar com temor às reações dos alunos. Às vezes não sabem impor o

limite na medida certa e deixam o aluno ou filho fazer o quer, por isso a falta de limites gera em muitos casos, dificuldade de diálogo, desvios de condutas, indisciplina, busca de refúgio nas drogas e outros tipos de vícios.

A Escola na busca de um princípio educacional adotou o “é proibido proibir” e as crianças tornaram-se os verdadeiros “donos” de suas atitudes deixando os professores com poucos recursos para impor sua autoridade. Assim explica Mielnik (1998, p.60):

Crianças excessivamente inquietas, agitadas, com tendências à agressividade, se destacam no grupo pela dificuldade de aceitar e cumprir as normas, às vezes, não conseguindo produzir o esperado para sua idade. Estas crianças representam um desafio para suas famílias e Escola, cabendo a estes estabelecer os níveis de regimes necessários para obtenção da disciplina.

O proibido é necessário e eficaz desde que seja na dosagem correta, esta deve ser estabelecida em normas. A Escola tem encontrado dificuldades para traçar essas normas, pois, o aluno vive em busca do desafio, do novo, contrariando a Sociedade e a Escola logo, o autoritarismo vai apenas incentivá-lo a continuar desafiando, pois, tanto Escola como Sociedade de uma forma geral contribuem para educação de seus filhos e alunos. Deve-se entender que quem educa é o adulto, o mesmo deverá ser seguro e confiante em si mesmo, certo de sua iniciativa e atitude, procurando compreendê-la e aceitá-la sem exageros em suas exigências.

3.2. Educação da prevenção-formação de valores, leis, regras sociais - falta de comoção

Muito se tem colocado e discutido sobre indisciplina, as causas, as influências que torna os alunos indisciplinados, agressivos, apresenta dificuldade de concentração resultando em sérios problemas de aprendizagem, tornando-se um grande desafio para todos que fazem parte da Escola.

Vamos abordar alguns pontos relevantes que podem ajudar a prevenir a indisciplina e desenvolver o ensino aprendizagem e que merece reflexões para a busca de alternativas que venham a beneficiar a comunidade escolar no que se refere ao gerenciamento administrativo e pedagógico e por parte do aluno: a aquisição do conhecimento e a ascensão social.

Para haver esta prevenção é necessário a união de toda equipe, Escola, Família, professor e principalmente o aluno. Isto diz respeito a todos os envolvidos com a prática escolar e precisa ser compreendidos como algo necessário para atingir o desenvolvimento pedagógico; estando dessa maneira intimamente relacionada com a Escola desde a organização até o desenvolvimento dos trabalhos, muitas vezes, precisamos chamar à atenção

aos poucos para mostrar que precisa se construir as regras e limites e assim fazer o aluno perceber que faz parte do cotidiano escolar as cobranças e exigências, e futuramente ele possa cumprir os direitos e deveres sem punição.

É importante para esta prevenção, que exista na Escola determinismo democracia em seus ideais, onde se cultive o diálogo e a afetividade. Compreendendo que é preciso usar instrumentos para desenvolver competências, aguçar sensibilidades e tentar mostrar que a transformação é necessária só dependendo da Família, da Escola e as metas que o professor quer usar para tentar prevenir futuros problemas de indisciplinas. Sendo assim Castro e Carvalho (2005, p. 41) Comenta:

Uma Escola, diferentemente de uma empresa comercial, não pode se contentar apenas com um administrador, mas precisa de um educador que libere e crie liderança no percurso de realizações do projeto. SC assim forem conduzidas à definição e a realização de um projeto pedagógico, então, ele será sempre coletivo. Ou ele não será pedagógico. Neste caso a força para a sua realização estará enfraquecida.

É possível que o professor e a Escola atuem no projeto que comece a sensibilizar alunos e construa um elo de respeito conhecendo as atitudes que o aluno demonstra de disciplina para daí começar o trabalho de prevenção. Sabemos que a Escola sozinha não consegue resolver todos os problemas relativos à indisciplina, é preciso aliar-se a Família para dialogarem, ajudarem seus filhos e alunos a terem uma postura crítica diante de todas as ações apresentadas pelos alunos.

Na sua competência técnica o professor deve ter todo domínio de conteúdos e variadas metodologias para tornar a aula atraente assim minimizará a ansiedade. Planejando as aulas que serão desenvolvidas; se isto não ocorrer e for improvisar acabará desmotivando e comprometendo o rendimento da turma. Por isso a prevenção à indisciplina depende de como professor irá proceder em sala.

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p. 8).

É importante este trabalho de prevenção por parte da Escola que levará à progressão e aprendizagem do aluno, o professor é capaz de alterar o quadro de indisciplina, desenvolvendo e conquistando a autonomia para melhor rendimento na sala de aula. Portanto, como já foi colocado, sozinho o professor não consegue, mas se fizer um trabalho de parceria, com responsabilidade, clareza e estratégias com auxílio pedagógico em situações que requerem intervenção, conseguirá.

Outro ponto que ajuda a prevenir a indisciplina no âmbito escolar é a escolha metodologia, dos materiais, a consideração de experiências anteriores, a atenção, a concentração e a disciplina. É necessário estar sempre atento para observar se realmente o professor usa a metodologia adequada apostando no desempenho do aluno, observando que o aluno é capaz de mudar assim como a Sociedade, de acordo com o ambiente que está inserido. Skinner comenta:

Dessa forma, as regras podem até contribuir para a construção de um ser consciente, mas podem retirar deste ser talvez a principal característica que lhe permitiu tornar-se agente: comportar-se em função de suas próprias razões, que é o que o condicionamento operante lhe possibilita (CASTRO E CARVALHO, 2005, p. 49).

As colocações do autor são pertinentes, pois é preciso que haja as regras, que haja cumprimento para que o aluno entenda a necessidade do limite, que construa o espírito de disciplina, de um ser capaz de obter este desenvolvimento esperado, mas também pode ser que não queira construir esta disciplina e sim o desejo pela transgressão, não pela progressão.

O autor Garcia (1999) Joe também coloca como ponto fundamental para caminhos preventivos da indisciplina o desenvolvimento de diretrizes disciplinares que abranjam toda comunidade escolar no Projeto Político Pedagógico, com desenvolvimento de orientações (regras e procedimentos). Despertando e motivando a participação do aluno com apoio e mostrar que estas diretrizes não é para estabelecer regras e sim orientar a cultura da comunidade escolar, o como a comunidade está em termos de desenvolvimento disciplinar. Para o autor é necessário que haja:

O cultivo de expectativas elevadas quanto ao desempenho escolar, socialização e comportamento dos estudantes. Deseja-se uma Escola bem disciplinada e é importante compartilhar e comunicar aos estudantes, expectativas que reflitam uma apreciação quanto a suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto à Escola. (GARCIA, 1999, p. 106).

O autor colocou bem que o aluno precisa dessa parceria com a Escola e a ela com o aluno, para assim tornar um ambiente onde se propicia direitos e deveres. Um lugar que garanta progressão e não transformá-lo em lugar de transgressão. É preciso que o estabelecimento de ensino se posicione diante de algumas situações e reflita sobre os atos e acontecimentos do ensino/aprendizagem. Partindo desde a direção ao professor, porém, as orientações são necessárias. É importante que a Escola ande em parceria com toda Sociedade para haver comunicação e relações entre ambas, informando quanto os trabalhos realizados na Escola.

A motivação é ponto essencial que estimulará o aluno no cotidiano escolar, pois ajudará nos conteúdos e métodos, respeitando o nível de cada aluno. Todos os teóricos procuram explicar a necessidade da motivação para assim atingir o objetivo fundamental,

porém, “em consequência, motivar significa provocar movimento, atividade no indivíduo” (FONTANA, 2007, p. 23). Entretanto, o sentido funcional pode ser definido como: “uma condição interna, relativamente duradoura, que leva o indivíduo ou que o predispõe a persistir em um comportamento orientado para um objetivo, possibilitando a satisfação do que era visado” (FONTANA, 2007, p. 22).

Entretanto, está claro que um dos pontos fundamentais é a motivação do professor para com o aluno, orientando, incentivando para melhor desempenho do aprendiz é importante que o corpo discente sinta motivado para prevenir a indisciplina, um grande desafio para o professor e Escola, estes desejam alunos que respeitem seus colegas e consigam participar de atividades que exijam concentração e esforço para aprender. O aluno não precisa ser passivo e silencioso o tempo todo, isso não garante a aprendizagem, pois o aluno aprende quando participa ativamente de uma atividade, executando, ouvindo as diferentes formas de percepção. Porém, Aquino (1998, p. 53) coloca:

É presumível, portanto, que uma nova espécie de disciplina possa despontar em relações orientadas desta maneira: aquela que denota tenacidade, perseverança, obstinação, vontade de saber. [...] Anteriormente, obediência, resignação agora pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos. [...] Disciplina tornou-se, então vetor de rebeldia para consigo mesmo e de estranhamento par com o mundo-qualidades fundamentais do trabalho humano de conhecer.

Mas é necessário questionar a participação do aluno e a responsabilidade que ele precisa enfrentar, o aluno deve mostrar interesse espontâneo, não compete só ao professor utilizar estratégias que o motive, mas ele necessita desta vontade. É preciso ter cuidado como incentivá-lo para não tornar o aluno capaz de habituar-se à recompensa sempre e não obter o ensino aprendizagem. Pois, ele torna-se interesseiro, só busca aprendizagem se obtiver algo em troca, não valoriza os trabalhos apresentados; a motivação e o incentivo é preciso para torná-lo seguro e capaz de participar, mas a recompensa precisa ser repensada. É preciso observar alguns pontos:

O elogio deve ser apresentado ao aluno individualmente, de forma justa, simples, parcimoniosa, criativa, coerente com desempenho, buscando salientar suas peculiaridades e promovendo informações que favorecerão a percepção de competência. Além disso, deve-se enfatizar o esforço empreendido, o capricho e a persistência nos trabalhos ou o êxito obtido em tarefas difíceis (MORENO, 2009, p.16).

O elogio é um ponto essencial para fortalecer a determinação e auto-estima do aluno, assim ajudará no desenvolvimento do ensino aprendizagem e obterá um maior desempenho que dependerá de cada aluno, sua interação em sala de aula, seus pensamentos, valores, percepções, sentimentos, ações e reações que no cotidiano pode transformar em situações de

desafio. E aí o professor pode interferir nesses conflitos, que aparecerá, demonstrando abertura para o diálogo, respeitando os pontos de vista, as opiniões e até mesmo as divergências. Comunicando-se não só com um número pequeno de alunos, mas com toda a sala, principalmente aqueles que não são tão disciplinados.

3.3. A mídia que banaliza: a violência, morte, estupro, latrocínio, etc

A Educação passa por várias reflexões em torno da problemática social, a sua função social, é um fator decisivo para humanização do homem, mulher e criança. Os grupos humanos constituídos culturalmente como tal, elaboram ao longo do tempo, limites, códigos de comunicação e convivência com mecanismos para sua sobrevivência. Esses mecanismos fazem parte de uma sociedade que despreza os fatos sociais, banaliza os acontecimentos mais chocantes e destroem a esperança de jovens e adolescentes que pretendem desenvolver um conhecimento profundo.

A Escola é um lugar privilegiado, pois realiza um trabalho sistemático e planejado com o conhecimento, com valores, com atitudes e com a formação de hábitos. No entanto, a mídia, principalmente a televisão, passa uma imagem não reconhecível dos nossos alunos como se em todo o mundo só existisse escola com bagunça, sem nem uma possibilidade de mudança, de conquista para o aluno. A sociedade assim como a mídia banaliza os acontecimentos, o estupro, a morte, o aluno que machuca outro, diariamente a TV mostra como se fosse um ato normal, como aquilo fizesse parte dos acontecimentos sociais normais. As mortes, incêndios abandono, tudo isto faz parte de uma sociedade sem estrutura espiritual, tudo pode, tudo vou fazer, assim não se cumpri regras e limites.

Uma sociedade com práticas violentas, com cultura que apresenta influências sociais com certos comportamentos que estimulam os jovens a tornarem-se violentos e indisciplinados. Muitas vezes é visto com aplausos e aí continua acontecendo a sociedade necessita de impor regras e cumpri-la para assim vencer o desafio da violência que nos envolve.

A mídia está nos seduzindo a viver a violência; Foucault diz que temos que apontar os mecanismos da violência sutil, da produção de imagens socialmente valorizadas que controla de forma mais eficiente do que a do mando e a violência explícita. Portanto, temos em nossas mãos o poder de decidir o que veremos e o que não veremos, e o que sempre vemos é a violência da usurpação do nosso direito à comunicação; é um direito de poder observar as informações que nos passam poder criticar, emitir opinião, mas esse direito não temos. Como

o adolescente pode viver em uma sociedade sem exemplo, se o que assistem é o contrário do que o professor passa.

Observe que a violência explícita é constante, a televisão e sua programação são voltadas para filmes e desenhos violentos, a criança aos poucos vai tornando-se também agressiva, indisciplinada, como pode viver em uma sociedade onde a mídia manda e banaliza, com cenas eróticas, relações sexuais forçadas e “romantizadas” (MORENO, 2009, p.2.). Os noticiários nem se fala, o sequestro de Eloá, em Santo André seguido de morte, foi um verdadeiro espetáculo que só faz incentivar ainda mais mortes de outras mulheres acontecidas a cada ano. As novelas são vistas por milhares de pessoas que sempre mostra o papel da mulher que sofre impunemente a violência física por parte de algum homem, entretanto, depois é punido. Outro ponto colocado por Raquel é a violência implícita, que vem de nossa invisibilidade seletiva (nunca aparecemos com nossas manifestações e reivindicações preferindo entrevistar apenas homens). Porém, o que acontece com nossos meios de comunicações o que a mídia quer passar, que mensagem, que a qualquer hora você só enxerga violência com a naturalidade de qualquer outro assunto essencial. A imagem da mulher vem sendo ridicularizada pela mídia em toda sua programação diária, seja na música, TV, imagem, internet. Órgãos a favor da mulher estão unidos nessa campanha. A autora diz:

É mais do que na hora de pensar em um controle social, exercido pela sociedade civil organizada, para que a mídia efetivamente cumpra a sua função de informar e entreter, com toda a responsabilidade social que lhe cabe, tanto quando a sua propriedade é privada, como quando se trata de uma concessão pública, com no caso da rádio e da televisão (MORENO, 2009 ART. 24/11/2008).

Para isso acontecer é preciso conscientizar e deixar os interesses políticos, sem interferir na programação e informações diárias e daí oportunizar o telespectador ver o que quer de forma clara e crítica, dando-o oportunidade de resposta. Incentivando sua participação introduzindo em sua programação debates que envolva toda a parte comportamental sem reprisar uma semana o que acontece no início.

Segundo Pereira (1999), o fenômeno da violência urbana não pode ser justificada como um problema individual, mas sim uma síndrome social. Contudo, se é verdade que a pobreza não gera violência e que os bairros populares e as favelas não devem ser estigmatizados como espaços violentos, as evidências empíricas apontam tais áreas como as que concentram maior proporção de vítimas da violência, maiores taxas de homicídios e pelas baixas condições de vida (ECCHELI, 2008, p.11).

A desorganização e o crescimento da violência afetaram toda sociedade, a inserção da violência na sociedade levou à banalização da violência praticada gerando clima de insegurança tornando presente nos quadros psiquiátricos. Eccheli,(2008.p.8) argumenta:

Que o avanço da cultura e da técnica poderia ter propiciado formas nobres de sublinhar a agressividade, mas pelo contrário, agravou o plano material e a refinou ao nível simbólico, argumentando que é uma forma de dilaceramento do ser social. O autor ainda argumenta que o Capitalismo em querer dissimular o aparecer de suas consequências, vivemos na banalização da cultura e no mais puro irracionalismo, em que pessoas divertem-se com a prática da violência.

Entretanto, para a violência ser vencida ela passou a ser um problema social e não policial, podendo todos lutar contra estas agressões, sejam elas a que nível for. Não podemos permitir que tomem conta da sociedade. Temos que unirmos forças às leis estaduais, municipais e federais para enfrentar as situações.

3.4. O posicionamento da Família diante da Escola na construção do limite

A Família tem grande influência sobre as atitudes e metas dos indivíduos cada família, como todo sistema, possuem estrutura determinada. Sua estrutura forma-se a partir das normas transacionais da Família, que transmitem aos membros como vai se relacionar com quem e aí transmite, avalia e interpreta a cultura. É importante opinar, dialogar, mas, o importante mesmo é mostrar à criança o verdadeiro valor da Escola, porque ela necessita estudar.

Porém, a Família dentro de um contexto mais amplo, em uma nova perspectiva, trata-se de uma cultura extensa, sobre a qual age e em relação a qual reage. Entretanto, a Família transmite todos os valores sociais, pois a formação do adolescente sofre grande influência pela estrutura das escolas e por uma sociedade conflituosa, instável, atingida por constantes mudanças. A Família deve assumir sua responsabilidade educativa, pois é nela que cada um aprende a desenvolver a individualidade, torna-se criativo, realiza e manifesta as qualidades fundamentais para o convívio social.

A Família, nos tempos antigos e atuais, era influenciada pelo fator econômico, a falta de condições financeira desestrutura psicologicamente seus membros, condiciona-os a uma total mudança de comportamento devido à redução do padrão de vida. Muitas vezes crianças não comem para ir à Escola causando um desequilíbrio emocional de aprendizagem.

Para Aquino (1998, p. 98) “é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo.

Entretanto, seu poder não é absoluto é irrestrito” para desenvolver a efetividade de sua função educativa, a estrutura familiar precisa adaptar-se aos fatores ocorridos em sua volta, na Sociedade, na Escola, o que o aluno pensa, gosta o que mudou, a participação é essencial. Sem deixar de constituir uma referência para seus membros, a Escola e a Família são sistemas que necessitam andar juntos, entretanto estão cada vez mais afastados. Também os pais, com diferentes condições socioculturais, costumam esperar da Escola tarefas educacionais muito diversas e até mesmo, que a Escola assuma ações que seriam próprias da Família.

É essencial que a Família defina que tipo de Escola deseja para seu filho, que filosofia, métodos e regras disciplinares para isso acontecer precisa está ligado à Escola, conviver, entender o que acontece no dia-a-dia das aulas dos alunos, este estabelecimento também precisa incentivar com técnicas chamando os pais para Escola, mostrando os valores e expectativas em relação a eles, para poder permear expectativas em ambos. Uma vez que a Escola e a Família são duas instâncias nas quais os jovens passam a maior parte de suas vidas, “é bom lembrar, porém, que nem todos os valores surgem naturalmente. Alguns podem e devem ser plantados, os verdadeiros líderes também plantam sementes e as ajudam a se desenvolver” (TIBA, 2002, p. 158).

Porém, a Família e a Escola precisam plantar e incentivar o aluno no ensino e aprendizagem, os pais são os principais líderes, sem eles, a Escola não anda, os alunos não participam e que a Família cumpra com sua responsabilidade de educar os filhos, não deixando a Escola sobrecarregada. Como diz o autor Içami Tiba “quem ama educa”. É necessária esta parceria, ambos fazendo sua parte, a Família tem uma grande função de suprir os obstáculos que interferem na Educação e estimular as mentes dos filhos a buscar soluções mais adequadas. Porém:

Ensinar uma criança a aprender é uma das maiores lições de vida que os pais podem passar aos seus filhos. Nada impede que a criança aprenda sozinha, mas ela vai saber fazer muito melhor se fizer sozinha depois que aprender o básico. (TIBA, 2005, p. 168).

É necessário que os pais acompanhem seus filhos no decorrer de sua vida escolar, apoiando em suas atividades, fazendo entender a importância de sua participação no convívio escolar. Se os pais querem escola de qualidade precisam fazer também. O interesse do aprendizado é do pai e do filho, não que a Escola não tenha, a parcela maior é dos pais, já que só existe Escola se existir alunos, pais e professores.

Para Freire (1997, p.19.). O projeto da Escola tem que buscar a formação da cidadania, precisa ter como objetivos: tratar todos os indivíduos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de bom; fazer com que a Escola se torne

atualizada para que os alunos gostem dela; e ainda garantir espaço para a construção de conhecimentos científicos significativos, que contribuem para uma análise crítica da realidade.

Diante disso, muitas vezes a Família transfere sua responsabilidade à Escola, visto que isso não pode acontecer, pois as conseqüências refletem na Educação dos filhos. A pobreza, a violência doméstica e o alcoolismo foram apontados como principais causas que determinavam o ambiente familiar hoje se apontam também a desagregação dos casais, drogas, ausência de valores, permissividade, demissão dos pais da Educação dos filhos, etc. Quase sempre os alunos com maiores problemas de indisciplinas provém de famílias onde estes também existem.

Contudo, a participação direta dos pais na violência que ocorre nas escolas, impotentes para lidarem com a violência dos próprios filhos, muitos pais apontam os professores, que despreparados para agirem diante da problemática que acontece de forma intensa, acabam por perder o controle e o domínio, o que resulta em um grave problema entre Escola e a Família.

Assim:

Quando surge um impasse, a presença de um negociador auxiliar é importante, principalmente para acalmar os ânimos, para que eles possam encontrar soluções negociadas, éticas e progressivas, pois situações muito simples podem acabar até em brigas físicas. (TIBA, 2002, p. 175).

Porém, o professor e os pais podem ser e fazer este intercâmbio dentro de casa ou na Escola. Pois, a Família tem delegado cada vez mais à Escola a função de educar seus filhos alguns, por falta de tempo, devido às inúmeras horas de trabalho diárias, outros por puro descaso. O fato é que a Escola tem arcado, ou procurado arcar com uma responsabilidade que está além de suas forças, uma vez que, ao se dedicar à educação doméstica, o professor deixa de cumprir com funções que são específicas da Escola. A ausência da educação doméstica resulta na falta de limites para os filhos, que se criam com total ausência de valores, muitos não têm o mínimo respeito à Família, que implica no total descumprimento de regras e na desconsideração de outras pessoas. Muitas vezes sem poder com as atitudes dos filhos, os pais recorrem aos conselhos tutelares, por “não terem mais o que fazer com seus filhos”. Na maioria dos casos, a Escola não conta com a contribuição dos pais, pois sabem que a cada busca de ajuda em relação a um ato de indisciplina de um filho, vários pais correspondem com um ato de violência. Alguns professores não procuram os pais, porque sabem que “eles irão espancar os filhos por causa da reclamação”. Esse ato dos pais serve como modelo de conduta para os filhos e refletem em seu comportamento.

4. DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR E EXTRAESCOLAR

4.1. Identificação e histórico escolar

A Escola E.E.F.M. professor Anésio Leão, localizada à Rua XV de novembro, bairro Palmeira na cidade de Campina Grande-PB foi fundada no em 12 / 08 / 1978 na gestão do governador Ivan Bichara Sobreira. A escola possui uma área de aproximadamente XXXm², com capacidade de atender aos alunos matriculados nas séries do fundamental II ao médio.

4.2. Infraestrutura

4. 2. 1. Dependência da escola

A instituição pertence à rede Estadual de ensino, com dependências XXXX amplas, dispondo de sala de espera (recepção), 1 cozinha, 1 despensa, 18 salas de aulas que atende com espaço adequado a cada turma, 1 sala para direção, 1 sala para os adjuntos: 1 secretaria, , 1 sala de professores, 1 sala de vídeo e 1 sala de estudo. É importante observar que, por ser uma escola de bairro pobre e também Pública, tem uma “boa estrutura física, possui fogão, um balcão com portas e pia de granito, além disso, a mesma é premoldada e com piso na cerâmica. A escola também dispõe de quatro banheiros sendo dois para alunos (masculino/feminino) e dos para funcionários. Os banheiros são compostos de dois sanitários cada, descarga, pia para lavar as mãos.

A escola neste momento passa por uma reforma geral, pois precisa de várias coisas, como biblioteca, quadra de esportes, laboratórios e outros fins, para se tornar um local mais eficaz à aprendizagem. Como já fora descrito anteriormente, a instituição analisada dispõe de um considerável espaço físico, no entanto, as diversas dependências em que a escola está dividida são insuficientes para atender toda a clientela, mas não podendo oferecer uma desejada e adequada contribuição para o desenvolvimento das habilidades e potencialidades dos seus alunos. Para isso, seriam necessárias algumas mudanças principalmente na concepção de alguns educadores que ainda não compreenderam com exatidão a filosofia da escola.

A escola possui pátio, permitindo a ampla movimentação dos alunos, tornando confortável a permanência dos educandos e a realização de atividades de lazer. Esses espaços precisam ser otimizados para um melhor engajamento entre educação e lazer.

4.2.2 Equipamentos e materiais pedagógicos

Não dispomos de equipamentos suficientes para atender a todas as turmas, pois, temos uma significativa quantidade de alunos, ou seja, um número que necessita de mais atenção quanto ao material didático de apoio. Somente dispomos de um aparelho de TV e DVD, temos que definir horários para ser utilizado por cada turma, isso significa dizer que temos apenas um aparelho que favorece apenas uma turma em cada horário.

Também temos na escola carteiras que atende a todas dos três expedientes, além de vários estante para arquivo de livros paradidáticos, vários armários, 05 computadores. Utilizamos uma impressora para realização de tarefas dos nossos alunos, pois mesmo tendo o computador, alguns professores ainda não dominam este recurso tecnológico.

Com o apoio da III região de ensino e o MEC recebemos livros didáticos de apoio para todos os níveis. Através do Conselho escolar, a direção da escola se encarrega de fornecer outros materiais pedagógicos como: o globo, vários mapas, além de papel ofício, lápis para quadro branco e apagadores, e outros materiais necessários. Temos uma biblioteca que nos dar um apoio precário, A falta de novos acervos de livros influencia diretamente no desenvolvimento da aprendizagem de nossos educandos, deixando de formar verdadeiros leitores.

4.3. Recursos Humanos

4.3.1. Corpo Docente

Quanto ao corpo docente, a escola, possui um quadro de professores bastante comprometido com a Educação, sendo todos comprometidos com a formação para o Magistério, todos são graduados em Licenciatura pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) e vários com pós graduação. Desse quadro a maioria é de professor concursado, poucos são contratados. São professores de visão inovadora e se tratando de Educação dizem-se “viciados” e apaixonados pelo que fazem.

Para Perrenoud (1999), nenhum professor se torna competente profissionalmente apenas estudando; competência profissional significa a capacidade de mobilizar múltiplos recursos entre os quais os conhecimentos teóricos e práticos da vida profissional e pessoal para responder a diferentes demandas colocadas pelo exercício da profissão.

Cada turma dessa instituição comporta no máximo trinta e cinco alunos. No entanto, desde que a escola foi iniciada procura favorecer um ensino de qualidade. Onde, “o trabalho

docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para participação na vida real”. (LIBÂNIO, 1994, p.47). Perrenoud afirma que:

O educador hoje, tem que ser uma pessoa que procura antes de tudo guiar, orientar, encorajar, estimular, descobrir e canalizar os interesses dos alunos, procura para isso, cercar-se de um vasto material didático, estes podendo ser colhidos pelos educandos (plantas, animais, rochas, cartões postais, encaixes etc.) Para ele, o educador pode ser comparado a um jardineiro que está preocupado em fazer crescer as suas plantas, dando-lhes água e adubo necessários ao seu desenvolvimento (1999, p. 90).

4.3.2. Pessoal técnico-pedagógico

O pessoal técnico-pedagógico é formado por uma supervisora, não existindo psicóloga, nem assistente social. A coordenação é responsável por todo trabalho desenvolvido na escola, com, reuniões com os pais, observações aos alunos, fazendo encaminhamentos diversos, quando necessários, como também orientações a elas individualmente e em grupos.

4. 4. Pessoal técnico-administrativo

Contamos com uma equipe de secretários e secretarias bastante eficientes e organizados por setores. Contamos também com uma bibliotecária competente e dinâmica graduada em letras pela UFCG (Universidade federal de Campina Grande).

4. 5. Aspectos estruturais e de funcionamento

4. 5. 1. Caracterização da população escolar

Diante deste aspecto, a instituição analisada conta com um número total de de1100 alunos matriculados distribuídos nos três turnos, sendo: 630 alunos no turno manhã, 94 no turno tarde e 94 noturno. De acordo com Saviani (1999, p. 9) a Escola existe “para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem com o próprio acesso ao rendimento desse saber”.

O horário de funcionamento, e rotina da escola começa da seguinte maneira: para o turno da manhã, ou seja, o primeiro turno as aulas se iniciam às 07hs00min, com intervalo às 09h30min, retornando às 09h45min. E finalizando às 11hs00min. Já o segundo turno se inicia às 13hs00min, com intervalo às 15h30min, retornando às 15h45min. E finalizando às 17hs00min.

.4 6. Aspectos doutrinais e filosóficos

4. 6. 1. Filosofia da escola

A Escola busca modificar sua postura, levando o aluno a compreender a realidade exterior e a sua própria realidade, partindo assim da função social, educacional e cultural, tendo como filosofia desenvolver e proporcionar uma aprendizagem voltada para a efetivação da prática eficaz no exercício da cidadania, bem como, desenvolver em seus educandos o gosto pela leitura e a escrita e principalmente, prepará-los para conviver em uma sociedade competitiva e discriminatória.

A Escola pode e deve exercer um papel fundamental nesse processo de construção, nossa proposta é que isso seja feito por meio do trabalho constante baseado em metodologias e conteúdos de aula que solicitem ao mesmo tempo a reflexão, a percepção e regulação dos próprios sentimentos e emoções, também o desenvolvimento da capacidade dialógica. A utilização nas aulas de metodologias como: a dramatização, exercícios autobiográficos e de autorregulação, técnicas com a classificação de valores e o enfoque sócio afetivo como sugere Puig (1989 b) e Araújo & Aquino (2001), podem ser um caminho nessa direção.

4. 6. 2. Objetivos educacionais

O objetivo principal da Escola é ampliar os conhecimentos do mundo, levando em conta o que o aluno traz consigo e valorizando o nível de conhecimento no cotidiano de cada indivíduo, além de proporcionar a inserção dos educandos na Sociedade tornando-os cidadãos críticos e reflexivos, utilizando para isso os conhecimentos lingüísticos, matemáticos e das ciências naturais e sociais.

É necessário valorizar o criativo, libertando o aluno para que possa pensar e agir por si só, não subestimando tudo que ele tem de novo e original, para assim descobrir o seu potencial. Para que isto aconteça é preciso que o professor não utilize somente aulas, mas procure, sobretudo, que cada aluno descubra por si mesmo as diferentes realidades em diferentes áreas de conhecimentos, através da observação direta, do desenho ou da descrição, das leituras e pesquisas pessoais. Sobre isso Freire (1997, p.20). Afirma que:

Por isso, não podemos colocar-nos na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorante, mas na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (É preciso saber conhecer quando os educandos sabem mais e fazem com que eles também saibam com humildade).

Porém, as famílias procuram a Escola para melhorar a aquisição de conhecimento e informações que as tornem conscientes de seus deveres, sendo essa a nossa função diante da realidade social na qual estamos inseridos.

Saviani (1999 p.19) diz que a impotência de se ressaltar a relação intrínseca existente entre objetivos propostos e conteúdos a serem estudados. Em última instância, a organização dos conteúdos estará intimamente relacionada com o objetivo maior da educação escolar, que é proporcionar a aquisição do saber sistematizado (ciência) tendo como instrumento fundamental de libertação do homem.

4. 7. Planejamento de ensino e avaliação

Temos como norma para avaliação da escola, a observação contínua, enfatizando a avaliação diagnóstica compreendida como:

Um instrumento voltado para reorientar a prática educativa, a avaliação deve se dar de forma contínua e sistemática, tendo como objetivo principal a melhoria de ação educativa. O professor ciente do que pretende que as crianças aprendam, pode selecionar determinadas produções visando a avaliar o progresso e possíveis melhorias na aplicação do que foi planejado. Os pais, também têm o direito de avanços e conquistas, compreendendo os objetivos e as ações desenvolvidas pela instituição (PILETTI, 1986, p.53).

Trabalhamos com o ensino direcionado através do método sócio construtivista, tendo em vista a eficácia dos resultados através da avaliação contínua e diagnóstica, enfatizando, sobretudo, os aspectos formativos centrados na aprendizagem dos alunos, para isso temos como apoio assistencial ações pedagógicas desenvolvidas periodicamente com cursos de formação continuada.

O processo para o planejamento escolar ocorre bimestralmente distribuído e organizado por rotinas semanais, seguido de um cronograma que é organizado contando-se o espaço dos sessenta dias das datas de planejamentos.

4. 7. 1. Relação escola e comunidade

Estando ciente da formação da escola e do ensino analisados que se preocupa e valoriza a importância da interação com a comunidade para o bom funcionamento da mesma. Tanto que se tornou uma prática constante a procura de meios eficazes para cada vez mais aproximar a Família da Escola, pois os pais dos educandos, ainda não compreenderam que os mesmos fazem parte de um todo que é a comunidade escolar e sua participação efetiva

influenciará de forma positiva no desenvolvimento da aprendizagem e na descoberta da habilidades e potencialidades de seus filhos.

A Escola afinidade, mas pela obrigação de viver em com, de fato, institui a cidadania. E ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à Família para integrarem-se em uma comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de um. A Escola constitui, em outras palavras a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra (TEDESCO, 2002, p. 33).

Diante da espontaneidade como atitude desenvolvida pelos pais, percebe-se, no entanto, a carência de participação no sentido de envolvê-los no processo educativo, pois os mesmos procuram o estabelecimento de ensino por se sentirem cobrados e mesmo com os nossos esforços, o relacionamento flui de maneira insatisfatória, visto que falta muito para se chegar a uma participação crítica, progressista e coerente; é preciso estimular o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao fazer educativo.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISES DOS DADOS

5.1 Aspectos metodológicos

Diante da pesquisa realizada junto aos educadores da Escola E.E.F.M. Professor Anésio Leão situada à Rua XV de Novembro S/N, bairro da palmeira, na cidade de Campina Grande-PB.

O tipo de investigação desenvolvida é de cunho descritivo, por objetivar descrever características de comportamentos e de atitudes de alunos e professores em sala de aula, tendo como finalidade, conteúdos, metodologia e tipo de relação entre professor-aluno no comportamento indisciplinar. Conforme Minayo (1999, p. 46) é objetivo principal de uma pesquisa de tal tipo: “a descrição das características de determinada população ou fenômeno, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”, as técnicas utilizadas foram observações sistemáticas e o questionário.

Para responder às questões apresentadas anteriormente, a metodologia desenvolvida foi basicamente de natureza qualitativa, o principal instrumento de pesquisa utilizado para averiguação, acerca da prática pedagógica foi a técnica do questionário, em que responderam cinco professores sendo todos do fundamental de uma escola pública do município de Campina Grande- PB.

No período de investigação fizemos observações na sala de aula dos que são alunos em distorção série/idade, durante um mês consecutivo, em um período integral de aulas, esse procedimento possibilitou-nos averiguar:

- ✓ A rotina utilizada e desenvolvida pelo professor;
- ✓ A organização do espaço da sala de aula;
- ✓ Os tipos de relações interpessoais existentes frente a situações de indisciplina;
- ✓ As metodologias empregadas pelo professor.

A escolha das turmas observadas ocorreu de forma não-aleatória, pois, houve concordância com o professor por observar um comportamento fora dos limites. A opção por tomar o cotidiano como foco de análise justifica-se pelo fato de poder percorrer um trajeto teórico que fragmente tanto os fenômenos e que revela a gênese e a natureza do processo educativo.

Diante desta estratégia, estudar uma sala de aula a partir da análise do seu cotidiano corresponde à compreensão da ação dos sujeitos que nela se movimentam, entendendo essa realidade específica nas suas articulações com a realidade macro-social.

A coleta de dados, envolvendo as observações e questionário, ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2014. Como se tratava de uma pesquisa descritiva era importante

acompanhar de perto, o máximo possível, dentro das salas de aulas os comportamentos e as atitudes dos sujeitos, envolvidos na investigação, através de questionários e anotações das observações realizadas.

5.2. Análise dos dados

5.2.1 Apresentação dos resultados e análise dos dados coletados e observados

Diante da complexidade em discussão, a indisciplina na Escola, e dos dados extraídos das observações realizadas, tornou-se necessária a escolha de um rumo, para apresentação dos resultados que satisfizessem aos interesses da investigação proposta.

Portanto, decidiu-se, então descrever alguns episódios da prática dos professores, extraídos das observações efetuados em suas aulas. Após esta descrição procedeu-se à análise com a discussão dos resultados, investigando a possível influência de aspectos, considerados como indisciplinados assim exposto; a partir daí segue-se com a apresentação da sala de aula em estudo e as cenas do cotidiano de seus respectivos professores.

A decisão, para observação da turma foi em concordância com o professor, já que se trata de alunos em distorção série/idade. Todos se queixavam que a turma era barulhenta e bagunceira. Não foi dada atenção ao que comentaram, a investigação continuou naquela turma, para entender ao que estava acontecendo no cotidiano daquela sala de aula, ou seja, quais fatores estariam contribuindo para que os alunos se comportassem de maneira indisciplinada.

Na sala de aula havia vinte alunos, seu tamanho era adequado para o número de alunos, a metodologia era diferenciada e dinâmica, havia materiais de apoio e livros, já que a turma era de distorção série/idade que tem todo acompanhamento e apoio. Um questionamento, porque eles agem assim? Logo, aos poucos foi obtendo respostas com as observações.

Dessa forma, pode-se dizer que aquele comportamento dos alunos, era resultado da forma com que alguns professores lhes tratava. Constitui-se em um tipo de violência que se manifesta como uma forma de expressão de crítica a professores, vivida por eles no cotidiano da sala de aula.

Expressões presentes no cotidiano escolar, só servem a um único propósito: como provas que a cultura da reprovação tem fortes raízes e concorrido muito mais para a

desmotivação e exclusão do aluno da instituição escolar, do que como fonte de reflexão para a melhoria de sua aprendizagem e do trabalho do professor.

Para melhor compreensão a respeito desta problemática investigada partiu-se da descrição e análise das observações de cenas do cotidiano do professor desta sala de aula, com alguns detalhes.

O primeiro item de análise foi o fato dos conteúdos escolares, pois, por mais interessantes que estes fossem alguns professores não conseguia prender a atenção dos alunos, logo, a alguns gritava muito e os alunos só queriam conversar.

É provável que essa inadequação dos conteúdos aos conhecimentos e interesses dos alunos e a forma que alguns professores trabalham na sala, contribuem muito para tornar aquela turma agressiva e sem limites.

De acordo com Araújo (2001) “um conteúdo em que o aluno não entende a função para o seu dia-a-dia aumenta a probabilidade de apatia ou manifestação das diversas formas de violência”. Foi isso que se buscou analisar, ou seja, mais a falta de domínio do professor em sala de aula. Porém, estes comportamentos, que podem ser definidos como indisciplina é um tipo de situação lembrado por Lopes (2005, p.32):

A Escola, assim como outras instituições, está organizada de forma a tratar as pessoas como iguais. Tal homogeneização se dá através de mecanismos disciplinares que desconsideram a maneira como são partilhados os espaços, o tempo, as relações afetivas entre os alunos, causam uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal.

De acordo com Aquino (1998, p. 97), “É necessário, pois, reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, as relações, e o cotidiano e isso cabe ao professor estar fazendo sempre”. Assim, concluiu-se este item com a clara convicção de que alguns dos comportamentos de indisciplina, violência e apatia observados nas aulas têm toda relação com o tipo de conteúdo que se trabalha e mais ainda a forma de expressar e de agir do professor em sala de aula.

5. 3. A metodologia das aulas

Embora se diferencie os aspectos que interferem na complexidade característica do cotidiano escolar, é sabido que não há como pensar os conteúdos dissociados da forma com que são trabalhados em sala de aula. Somente em um trabalho de pesquisa é possível fazer tal dissociação, mesmo assim, não se pode perder no fundo, as inter-relações intrínsecas existentes entre eles. Foi analisada neste momento a metodologia das aulas buscando compreender se tal modo de ministrar os conteúdos contribuía para os comportamentos observados em suas aulas.

A metodologia das aulas, algumas vezes apresentava algo diferenciado, mas mesmo assim, não conseguia ministrar a aula prendendo a atenção dos alunos. Em todas as observações os fatos ocorriam da mesma maneira, ou seja, expositivas e dialogadas.

Durante o período de observação das aulas, não se pôde presenciar nenhum tipo de metodologia diferenciada que motivasse ou incentivasse o grupo a participar das aulas e das atividades de ensino aprendizagem. O professor bem tentava acompanhar os alunos, mas a turma toda começava a gritar, chamar palavrões e a professora gritava muito.

É bem provável que se as aulas fossem mais dinâmicas e ela tivesse mais domínio da turma, a aprendizagem e o comportamento desta melhorariam bastante. Conforme lembra Araújo (2005), não adianta trabalhar com conteúdos interessantes e continuar preso a uma metodologia transmissiva e reprodutiva do conhecimento que não privilegia o desenvolvimento da competência dialógica e reflexiva dos alunos. Além de trabalhar conteúdos contextualizados inserindo a realidade dos alunos, todos os professores, deveriam buscar estratégias mais dinâmicas, reflexivas e dialógicas, resultando em aulas mais interessantes e com maior participação dos alunos.

5. 4. As Relações Interpessoais

Por fim, tem-se como foco do trabalho a dinâmica das relações interpessoais presentes nas aulas. Além do tipo de conteúdo e da forma de suas aulas, a forma com que as relações ocorriam em suas aulas forma um conjunto que ajuda a compreender os comportamentos indisciplinados observados.

No que diz respeito às relações interpessoais, pôde se perceber, a partir da descrição do cotidiano da aula que não existia diálogo entre alguns professores e seus alunos, ou vice-versa. Professores não queria que atrapalhassem a aula, muitas das vezes gritava muito e os alunos não obedeciam continuavam conversando, quando os ameaçava eles paravam, permanecendo assim relações interpessoais autoritárias.

Porém, as situações mostram que o professor só conseguia se impor diante de determinadas situações por meio de posturas autoritárias, envolvendo tanto a força física quanto elementos mais subjetivos, como a ameaça de notas, para controlar a turma. Em um dos momentos uma professora ameaçou em chamar à diretora, transferindo a outras instâncias a solução que poderia realizar em sala de aula, uma postura autoritária do professor.

Diante disto é evidente que o aluno torna-se um multiplicador da postura do professor, agindo e sendo opositor das atitudes do professor, desafiando-o e transformando seu

comportamento. Conforme lembra Fecchio (2004, p. 23), “da mesma forma como a Escola não admite as diferenças, é normal que os alunos resistam ao autoritarismo e não se submetam a normas impostas”. Segundo a autora, “essa resistência facilmente caracterizada como indisciplina, pode manifestar-se tanto pela desorganização quanto pela apatia, podendo desembocar em violência” (LOPES, 2005, p. 51).

Quanto à análise das respostas dos questionários, estes foram aplicados com dez professores, e a direção da Escola EEFM. Professor Anésio Leão. Nesta escola os professores são graduados e tem Pós-Graduação. Para que os professores não sejam identificados, serão chamados de X1, X2, X3, X4. A professora que mais tem tempo de serviço é a professora X4, que leciona no Ensino Fundamental II, tendo já vinte e cinco anos de trabalho.

As questões iniciais eram relacionadas com a indisciplina do cotidiano escolar, a influência da família, o cumprimento de regras em casa e na sala, dois dos professores concordam que é difícil lidar com alunos indisciplinados, outro respondeu que não concorda que depende de cada situação e um concorda em parte, depende de cada situação. Vale salientar que a forma que o professor ministra a aula é muito importante.

Em outra instância, o tempo de aula que o aluno passa, tem pouca influência da família, dois concordaram e dois não concordaram. Pois, exemplo do professor em sala desperta grande autonomia no aluno.

Outro ponto questionado foi sobre regras, se o aluno não as cumpre em casa ele cumprirá na escola? As respostas sobre as regras foram unânimes, todos os professores responderam que em parte, ou seja, depende de cada professor.

Segundo Araújo (2001) em um dos seus livros (Respeito e Autoridade na Escola) que a criança respeita seus pais e professores, porque ao mesmo tempo em que gostam deles, temem perder seu amor, ou mesmo sofrer punições.

Quando perguntados se a Escola está preparada para incluir esses alunos indisciplinados, dois dos professores disseram que a escola não está preparada, um disse está, e outro falou em parte, mas é sabido que falta muito na escola para a inclusão desses alunos. Sobre o relacionamento na sala de aula todos responderam que os alunos são muito agressivos.

Outro questionamento foi se o professor consegue impor limites e como? Três professores responderam que sim, e somente um em parte, dependendo da situação. Dois dos professores responderam que impõe com punições e dois com conversas e reflexões.

Para finalizar, foi perguntado o que é estabelecer limites? De acordo com três professores é mostrar até que ponto o aluno pode ir e as conseqüências, enquanto outro respondeu que é colocar ordem nas situações necessárias.

Foi observado neste sentido, que a maioria dos professores entrevistados acredita que tanto alunos, quanto professores são geradores da indisciplina. Com isso observou-se também que os próprios professores também são companheiros da indisciplina o que torna a questão muito mais complexa necessitando de mais estudos para se chegar a conclusões mais precisas.

Entretanto, outro ponto importante foi sobre punição, trabalhar com o autoritarismo a toda comunidade, a Escola procura cumprir com responsabilidade, mas a comunidade não está habituada a este cumprimento. A prática do diálogo e do aconselhamento é uma das atitudes mais viáveis frente aos conflitos existentes em sala de aula, decorrentes de indisciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da conclusão da pesquisa realizada, não pretendemos dar uma proposta de solução para indisciplina, mas alguns caminhos para refletirmos sobre ela, alguns pontos relevantes: em primeiro lugar a presença dos chamados alunos-problemas; em segundo, a necessidade de se reinventar o trabalho pedagógico a cada dia e o papel do professor nesta reinvenção, assim como seu compromisso com seus alunos. Finalmente se coloca a complexidade do problema indisciplina na sala de aula bem como o processo para refletirmos.

Outro foco foi mostrar como os professores lidam com a indisciplina em sala de aula neste sentido, buscamos trazer à tona as idéias dos diferentes sentidos que a indisciplina poderia ter que dependeria de cada sujeito e do contexto em que estaria inserido.

Sob a luz dos professores, percebemos que a indisciplina é vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância e do não cumprimento de regras capazes de orientar a convivência de um grupo. Regras que devem ser elaboradas em conjunto com os alunos, a Família e a comunidade escolar na busca de uma convivência em que estaria inserido.

Outra conclusão de estudo apresentada se refere à relação Família e Escola como sendo fundamental no processo educativo, porém, na nossa sociedade, nem sempre essa relação se complementa. Pelo contrário, é comum a Escola se queixar da ausência da Família e vice-versa.

De acordo com Aquino (1998), a organização do trabalho escolar não poderá ser pensada como separada da organização do trabalho familiar. Sob esse ponto de vista, o autor afirma que a indisciplina estaria revelando tratar-se “de sintoma de relações familiares desagregadoras, incapazes de realizar a contento sua parcela de contribuição no trabalho educativo das crianças e adolescentes”.

Assim, podemos dizer que um dos aspectos de maior preocupação dos pais e professores se refere ao comportamento, ao invés de aprendizagem. Ambos cobram maior participação, há ainda uma visão de que a Escola mantém uma relação burocrática com a Família, evidenciada pelos momentos de maior participação dos pais: as festividades o período de matrícula, por exemplo.

Outra constatação e preocupação é como a mídia banaliza alguns fatos ocorridos na Sociedade, como influencia os jovens, isso reflete na sala de aula e preocupa pais e professores. Assim, como o autoritarismo em sala de aula faz o aluno transgredir e como o incentivo, a motivação ajuda o aluno em sua progressão.

Como vimos, na descrição das aulas, observadas, a prática, que ainda se perpetua entre os professores e principalmente no tratamento do aluno e poderíamos generalizar, com outros que apresentam as mesmas características, é o de sua retirada de sala de aula, ou encaminhamento para outras instâncias, toda vez que se faz presente uma situação de confronto em sala de aula.

Conforme o depoimento de professores, tanto de escolas públicas como de escolas particulares, um aluno com problemas que chega a desencadear indisciplina em toda uma turma, em sala de aula, constitui um dos principais obstáculos para o trabalho em sala de aula, quando, na verdade, poderia ser tomado como foco do trabalho pedagógico, um desafio, para se descobrir formas prazerosas de desenvolver um bom trabalho com as turmas em que tais alunos estão presentes.

De acordo com Saviani (1999, p. 147), “a sala de aula pode ser o lugar onde o pensamento se demora por um instante a fim de deglutir, ruminar e tomar coragem para rasgar experiências repetidas”. O autor complementa, ainda, dizendo que: “É necessário fazer de tudo isso um campo de experimentação e explicitação da humanidade que nos habita, e levá-la ao seu limite máximo, criando novas configurações humanas”.

Desse modo, pode-se afirmar que a questão mais urgente da Educação, em nossos dias, não seria somente a de garantir o acesso a toda e qualquer criança em idade escolar a uma sala de aula, e sim, fazer com que as questões mais urgentes da referida área do saber, em nossos dias, não seria somente a de garantir o acesso a toda e qualquer criança em idade escolar a uma sala de aula, e sim, fazer com que as que lá se encontram, lá permaneçam.

Nesse sentido, cabe à ação docente a compreensão do aluno que é tomada como problema, como um porta-voz de relações ambíguas, bem como, a permeabilidade à mudança e à experimentação de novas estratégias que potencializem o binômio competência/prazer com um tipo de dever do dia-a-dia.

De acordo com Aquino (1998) é preciso reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, as relações, o cotidiano. Dessa forma para que o aluno possa acompanhar as mudanças que hoje se fazem presentes, faz-se necessário adequar-se a outro tipo de disciplina, “que não mais será a do silenciamento, da obediência e da resignação, mas sim uma disciplina que evoque afimco, vontade de conhecer, persistência”, em que a chamada “indisciplina” possa ser tomada como um movimento organizado e o barulho, a agitação e a movimentação que antes eram considerados “vilões”, passam a ser catalisadores do ato de conhecer.

Isso vai exigir do educador, uma conduta dialógica, contínua uma maior flexibilização das funções institucionais e das relações, a negociação entre educador e aluno se fará

permanente, o que não significa que o professor tenha que ceder a tudo que aluno desejar sendo esse um posicionamento completamente permissivo. Para Aquino existem alguns quesitos principais para esse tipo de negociação. Tais quesitos são: “O investimento nos vínculos concretos, acabando com a idealização de modelo de aluno, de professor e de relação, potencializando as possibilidades inerentes a cada um; a fidelidade ao contrato pedagógico, mesmo que se tenha de fazer-se lembrado cotidianamente em todas as aulas; e por fim, a permeabilidade à mudança e à invenção em que caberá ao professor reaprender e reinverter a cada encontro seu campo de conhecimento, utilizando-se de diferentes estratégias e experimentações de distintas ordens”.

Portanto, faz-se necessário valorizar os conhecimentos vivenciados no cotidiano e trazidos à Escola pelos alunos, a partir de sua história de vida e de seus interesses pessoais, colocando-o no centro da contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Assim, tais conhecimentos darão maior significado à aprendizagem discente e poderão fazer com que a intensidade dos comportamentos indisciplinados em sala de aula diminua além de trazer para o centro do debate que a indisciplina não é de responsabilidade somente dos alunos.

A partir das idéias da complexidade que discutimos e do fato de que fenômenos como estes são percebidos como multidimensionais, não tendo causas únicas ou simples, é importante a Escola assumir seu papel nesse processo, os comportamentos sociais inadequados, geralmente definidos como de indisciplina e que foram bem caracterizados nas cenas do cotidiano observado, não podem se analisados de forma reduzida ou disjuntiva. Culpar ora o aluno, ora a família, não permitirá encontrar caminhos viáveis para seu enfrentamento. É importante percebermos que essa Escola “tradicional” que conhecemos e que esteve presente neste trabalho, não contribui para que alunos e alunas tenham prazer de ali estar e se envolverem com seu próprio aprendizado e desenvolvimento.

Nesse sentido, o que queremos apresentar nesse final de trabalho, complementando a discussão, destaca o recorte internacional que fizemos dentre todos os possíveis que poderíamos ter seguido. Araújo (2005) apresenta a reflexão de que os conteúdos, a metodologia das aulas, as relações interpessoais, a gestão escolar, os valores, a auto-estima e o autoconhecimento de professores. Alunos e funcionários são todos os aspectos que exercem influência na indisciplina, sem negar outros aspectos relacionados, por exemplo, à personalidade dos próprios alunos.

Assim, este trabalho tem a cara de algo incompleto e não vejo isso como um problema, ele é início de um estudo que não possui respostas simples, concordando com o próprio Prestes (2003), os fenômenos complexos são aqueles difíceis de explicar, pois sua

própria natureza assim lhes caracterizou. A indisciplina é um desses fenômenos e espero que muitos outros pesquisadores e professores sobre essa temática ora abordada se debruçem, não para encontrar uma solução, mas para levar à compreensão do cotidiano de nossas escolas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho – aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. PETROPOLIS-RJ: Vozes, 2002, fasc. 10.
- ARAÚJO, Ulisses F. **Indisciplina na sala de aula**. (In.) JORNADA DE EDUCAÇÃO PAULISTA, Marília, SP, 2005.
- ARAÚJO, Ulisses F. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial Piagetiano. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Indisciplina na escola**: alternativas teórica e práticas. 9. ed. São Paulo: Summus, 1996.
- AQUINO, J. G. **Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus. Editorial, 1998.
- BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Os sentidos da (In) disciplina: regras e métodos como práticas sociais. In: AQUINO, J. G (org). **Indisciplina na escola**: Alternativas Teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. P. 129-38.
- CASTRO. A. D.; CARVALHO, A. M (org). **Ensinar**: didática para a Escola Fundamental e Médio. 2005
- DE LA TAILLE, Y. J. J. R. A indisciplina e o Sentimento de vergonha. In AQUINO, J. G. (org) **Indisciplina na escola**: Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo, Summus, 1996.
- DEVRIES, R. & ZAN, B (1999) Uma abordagem construtivista do papel da atmosfera sociomoral na promoção do desenvolvimento da criança. In. Catherine Twomy Fosnot (org). **Construtivismo**: Teoria, Perspectivas e Prática Pedagógicas. Porto: Artmed. P. 123 – 140
- ECCHELI, Simone Deperon. A motivação como prevenção da indisciplina. Educar, Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602008000200014&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 mai. 2009.
- FONTANA, Paula Antoniete Ferreira. Indisciplina na escola: de onde vem e para onde vai? Revista Fafibe On Line, Bebedouro - SP, v. 3, ago. 2007. Disponível em: http://www.fafibe.br/revistaonline/arquivos/paula_indisciplina_na_escola_de_oude_vai. Acesso em: 03 mai. 2009.
- FECCHIO, Miguel; MIRANDA, Telma A. Paião. **Indisciplina: Um problema do sistema educacional a ser resolvido**. AKRÓPOLIS-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, v. 12, nº. 3, jul./set., 2004. Disponível em: < <http://revistas.unipar.br/akropolis>>. Acesso em: 12 jun. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – Saberes Necessários à Prática Educacional**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: Uma reflexão sobre a dimensão preventiva. R. paran. Desenv. Curitiba, n. 95, jan/abr. 1999, p. 101-108. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/95/joe.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2009.

GROPPA, Aquino Júlio. **Autoridade e autonomia na escola**. São Paulo: Editora Summus, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Áurea. Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. **Nova Escola**, São Paulo, vol.12, edição 183 – jun. 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MENDONÇA, Ângela. O estatuto da criança e do adolescente impede a disciplina na escola? **Revista Aprende Brasil**, ano 2, nº 10 abril/maio de 2006

MIELNIK, Isaac. **O comportamento infantil: técnicas e métodos para entender crianças**. 2. Ed. São Paulo: Ibrasa, 1998.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum; SANTOS, Lilian Piorkowsky dos. Indisciplina Escolar, gênero e sexualidade: Práticas de Punição e Produção de Identidades. In: **Arquivos Analíticos de Políticas Educacionais**. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista. Vol. 12, nº 69 dez. 2004.

MORENO, Raquel. Violência e Controle Social.2009 Disponível em: <http://www.livreacesso.net/tiki-read_article.php?articleId=813>. Acesso em: 11 jun. 2009.

NUNES, Marinildes Figueiredo; SANTOS, Claudevone Ferreira dos. A indisciplina no cotidiano escolar. In: **Candombá – Revista virtual**, v. 2, n. 1, p. 14 – 23, jan/jun. 2006.

PARRAT, Dayam Silva. Le Travail enseignant au quotidren. Tradução: Silvia Beatriz Alove, e Augusto Juncal. Como enfrentar a indisciplina na escola contexto. São Paulo – SP, 2008.

PALÁCIO, Claudia Cristina. Et al. **Indisciplina, limites e relações de poder entre professor e alunos de educação infantil**. Ano 4, n. 5, dez. 2006.

PEQUENO, Andréia Cristina Alves. **Educação e Família: Uma união Fundamental?** Rio de Janeiro: Imprensa, n. 16, p. 9 – 13, dezembro, 2001

PEREIRA, P. A. Desafios Contemporâneos para a sociedade e família. In **Revista Serviço Social e Sociedade**. Nº. 48, ano XVI. São Paulo, Cortez, 1999.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PILETTI, Claudino. **A organização e direção de uma classe escolar**. In: Didática Geral. 22. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática, 1986.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

PUIG, Josep. **A construção da personalidade moral.** São Paulo: Ática, 1998.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1999.

SANTOS, Claudevone F. dos.; NUNES, Marinildes F. A Indisciplina no cotidiano escolar. *Candombá – Revista Virtual*, v. 2, nº 1, p. 14-23, jan – jun. 2006. Disponível em: <<http://www.fja.edu.br/candomba/2006-v2n1/pdfs/MarinildesNunes2006v2n1.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2009.

SAMPAIO, Daniel. **Indisciplina: um signo geral.** Publicação do Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação de Portugal. 1999

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo: Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna.** São Paulo: Ática, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa.** São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Quem ama educa.** São Paulo: Editora Gente, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola,** in ideias (n.28). São Paulo: FDE, 2000.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO PARA ANALISAR A INCLUSÃO DE ALUNOS INDISCIPLINADOS NA ESCOLA

QUESTIONÁRIO

I. IDENTIFICAÇÃO

1. – Sexo: () Masculino () Feminino

1 – Idade: ____

2 – Tempo de serviço: _____ anos

3 – Série que leciona: _____

4 – Habilitação Acadêmica (grau mais elevado adquirido):

() Curso Médio

() Superior Completo

() Superior Incompleto

() Pós-Graduação. Qual? _____

5 – Instituição formadora:

() Escola Normal de Campina Grande

() UEPB

() UFCG

() Outra. Qual? _____

6 – Formação Especializada em Inclusão Escolar: () Não () Sim

II. Baseando-se na sua experiência e/ou nos conhecimentos que tem acerca da indisciplina escolar, indique a sua concordância ou discordância a cada uma das seguintes afirmações marcando a resposta apropriada.

1. Ensinar alunos indisciplinados é muito difícil para os professores de Educação?

Concordo Discordo Concordo em parte

2. O tempo que o aluno passa nas aulas, tem pouca influência se compararmos com a influência que exerce o meio familiar?

Concordo Discordo Concordo em parte

3. O que o aluno pode aprender está relacionado em primeiro lugar com o seu ambiente familiar?

Concordo Discordo Concordo em parte

4. Se os alunos não cumprem regras em casa, não são capazes de aceitar a disciplina da escola ou qualquer outra?

Concordo Discordo Concordo em parte

5. Um professor está muito limitado naquilo que pode conseguir com os alunos, por que o ambiente familiar deles é o que mais influencia os resultados?

Concordo Discordo Concordo em parte

6. Se os pais trabalharem mais os seus filhos, eu também posso empenhar-me mais.

Concordo Discordo Concordo em parte

7. Se um aluno se porta mal na minha aula, eu sinto-me seguro (a) porque conheço técnicas para modificar esse comportamento?

Concordo Discordo Concordo em parte

8. A influência das experiências sócio familiares de cada aluno pode ser superada por um professor competente?

Concordo Discordo Concordo em parte

9. A Escola está preparada para inclusão dos alunos indisciplinados?

Concordo Discordo Concordo em parte

Por quê? _____

10. Como é o relacionamento dessas crianças indisciplinadas com os outros alunos?

() Agressivos

() Enturmados

() Isolados

11. Quais são suas atitudes diante desses alunos? _____

12. Você consegue estabelecer limites em sua turma? Que instrumentos ou ações você utiliza para isso?

13. O que é “estabelecer limite”?
